



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

VALÉRIA MOREIRA DA SILVA

**HUMOR E CRÍTICA: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DAS CHARGES
QUE RETRATARAM O PROCESSO DE *IMPEACHMENT* DA PRESIDENTA DILMA
ROUSSEFF**

Maceió
2019

VALÉRIA MOREIRA DA SILVA

**HUMOR E CRÍTICA: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DAS CHARGES
QUE RETRATARAM O PROCESSO DE IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA
ROUSSEFF**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima

Maceió

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586h Silva, Valéria Moreira da.

Humor e crítica: uma análise linguístico-discursiva das charges que retrataram o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff / Valéria Moreira da Silva. – 2019.

105 f.: il. color.

Orientadora: Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima.

Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2019.

Bibliografia: f. 103-107.

1. Linguística aplicada. 2. Humor. 3. Charges. I. Título.

CDU: 741.5:32



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



TERMO DE APROVAÇÃO

VALÉRIA MOREIRA DA SILVA

Título do trabalho: "HUMOR E CRÍTICA: Uma análise linguístico-discursiva das charges que retrataram o cenário do impeachment da presidenta Dilma Rousseff"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Profa. Dra. Poliana Pimentel Silva (Ifal)

Prof. Dr. Hefson Flávio da Silva Sobrinho (PPGLL/Ufal)

Maceió, 30 de setembro de 2019.

Para meus pais, Carlinda e José, que com poucas palavras e com pequenos gestos, me ensinam a ser forte a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José e Carlinda, por todo ensinamento e amor.

Aos meus irmãos, Valdirene, Valdireide, Valdênia, Luiz e José Cícero, pelo carinho e apoio constante.

À professora Rita Souto, pela orientação cuidadosa e responsável, pela paciência, pelas contribuições e, principalmente, pelo o olhar humano que possui em relação ao outro.

Ao meu companheiro, Emanuel, pelo o apoio, encorajamento e por estar ao meu lado me auxiliando a refletir e ter discernimento nos momentos de turbulência.

Ao corpo docente da Fale, por todo conhecimento compartilhado.

À Ana Maria, pela companhia diária e convivência afetuosa.

Aos meus amigos, presença tão querida e significativa em minha vida.

À professora Poliana Pimentel e ao professor Helson da Silva Sobrinho, por ter aceitado participar da banca examinadora, pelas reflexões e pelas importantes contribuições para esta dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), pelo o apoio financeiro dando a esta pesquisa.

As representações humorísticas, nas suas inúmeras formas e procedimentos, forjam-se nos fluxos e refluxos da vida, no tecido histórico e social – já que cada sociedade cria e inventa seus próprios espaços de representações e de transgressões. Além de colocar-se como uma invenção histórica e social, a atitude humorística é vista como parte indistinta dos processos cognitivos, pois partilha, como o jogo, a arte e o inconsciente, o espaço do indizível, do não-dito e, até do impensado.

(Elias Saliba)

RESUMO

Este trabalho está situado no campo da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006) que assume um estudo da linguagem em processo e a imprescindibilidade de uma agenda política nas pesquisas da área. Considerando o caráter social e histórico da linguagem e sua importância para a constituição das relações sociais (BAKHTIN, 2014; VOLÓCHINOV, 2017) no contexto social, buscaremos refletir como o humor, enquanto um fenômeno linguístico-discursivo, manifesta e produz sentidos em sua reflexão e (re)significação de mundo. Desse modo, à medida que compreendemos que o humor produz discursos e reflete sobre a realidade que nos cerca, faz importante entendê-lo não apenas como um elemento de entretenimento, mas também como uma ferramenta crítica da realidade (TRAVAGLIA, 1990). O humor atribui sentidos e significados às ações humanas que estão ligadas à sociedade, à cultura, aos grupos sociais e a um determinado tempo histórico (BERGSON, 2001; SANTOS, 2012). Nessa perspectiva, considerando esses aspectos do humor, pretendemos, a partir de uma abordagem qualitativa (CHIZZOTTI, 2005) e dialógica da linguagem, analisar como o humor se manifesta e produz sentidos em sua reflexão e significação de mundo, especificamente, de que forma o humor desvela e ressignifica os discursos políticos presentes nas charges que retrataram o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT) em 2016, acontecimento marcado por uma forte turbulência econômica, política e social. Dessa forma, para compor o *corpus* de análise deste trabalho, foram selecionadas dez charges no Jornal *Folha de São Paulo*, publicadas no período do *impeachment*, iniciado em 2 de dezembro de 2015 e encerrado em 31 de agosto de 2016. A partir dessas discussões e reflexões, esta pesquisa busca contribuir para a compreensão do caráter histórico, social e crítico presente no humor e sua forma singular de construir sentidos sobre os acontecimentos políticos por meio do gênero charge, não apenas refletindo a realidade, mas ressignificando, produzindo novos sentidos.

Palavras-chave: Linguagem. Humor. Charge. Impeachment.

ABSTRACT

This work is placed in the field of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006), which presumes a study of the language in process and the necessity of a political agenda in the area researches. Considering the social and historical character of the language and its importance for the constitution of social relations (BAKHTIN, 2014; VOLÓCHINOV, 2017) in the social context, we will seek to reflect how humor, as a linguistic-discursive phenomenon, manifests and produces meanings in its reflection and (re) frame of the world. Thus, as we understand that humor produces discourses and reflects on the reality around us, it is important to understand it, not only as an element of entertainment, as but also a critical tool of reality (TRAVAGLIA, 1990). Humor attributes perceptions and meanings to human actions that are connected to society, culture, social groups and a certain historical time (BERGSON, 2001; SANTOS, 2012). From this perspective, considering these aspects of humor, we intend, from a qualitative (CHIZZOTTI, 2005) and dialogical approach of the language, to analyze how humor manifests and produces meanings in its reflection and perception of the world, specifically, how the humor unveils and re-signifies the political speeches in the cartoons depicting the impeachment of President Dilma Rousseff (PT) in 2016, an event retained by strong economic, political and social conflict. Accordingly, to compose the corpus of analysis of this work, ten cartoons were selected in the newspaper *Folha de São Paulo*, published during the impeachment period, started on December 2, 2015 and ended on August 31, 2016. From these discussions and reflections, this research seeks to contribute to the understanding of the historical, social and critical character present in humor and its unique way of building meanings about political events through the charge genre, not only reflecting reality, but reframing and producing new meanings.

Keywords: Language. Humor. Cartoon. Impeachment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Charge produzida no período da Ditadura Militar	47
Figura 2 - Primeira caricatura publicada no Brasil	56
Figura 3 - Imagem da seção Opinião da Folha de São Paulo	67
Figura 4 - Imagem da manchete do Jornal Folha de São Paulo	77
Figura 5 - Imagens com dizeres contra o impeachment	94

LISTA DAS CHARGES

Charge 1 - Folha de S. Paulo, 03 de dezembro de 2015.....	74
Charge 2 - Folha de S. Paulo, 12 de dezembro de 2015.....	76
Charge 3 - Folha de S. Paulo, 21 de março de 2016.....	79
Charge 4 - Folha de S. Paulo, 26 de março de 2016.....	82
Charge 5 - Folha de S. Paulo, 16 de abril de 2016.....	85
Charge 6 - Folha de S. Paulo, 28 de abril de 2016.....	88
Charge 7 - Folha de S. Paulo, 01 de maio de 2016.....	91
Charge 8 - Folha de S. Paulo, 25 de maio de 2016.....	92
Charge 9 - Folha de S. Paulo, 09 de agosto de 2016.....	94
Charge 10 - Folha de S. Paulo, 21 de agosto de 2016.....	96

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. LÍNGUA/LINGUAGEM, IDEOLOGIA, TEXTO E SENTIDO.....	21
2.1 As relações dialógicas da linguagem	21
2.2 Discurso.....	26
2.3 Ideologia	28
2.4 Texto, compreensão e sentido	30
2.5 Discurso nas mídias.....	33
3. O HUMOR.....	37
3.1 Estudos sobre o humor	37
3.2 Humor e crítica	41
3.3 Ironia.....	49
4. O GÊNERO DISCURSIVO, CHARGE E HUMOR GRÁFICO.....	52
4.1 O gênero discursivo	52
4.2 Humor gráfico na imprensa	55
4.3 A charge	58
5. ASPECTOS METODOLÓGICOS	62
5.1 A Linguística Aplicada e a pesquisa qualitativa.....	62
5.2 Abordagem qualitativa	64
5.3 Corpus da pesquisa	66
5.4 Contexto da produção das charges analisadas.....	69
6. ANÁLISE DAS CHARGES	73
6.1 A aceitação do processo do <i>impeachment</i> na Câmara dos Deputados	73
6.2 O rompimento oficial do PMDB com o governo Dilma.....	79
6.3 A Votação do processo de impeachment na Câmara dos Deputados.....	85
6.4 A decisão do Senado pela abertura do processo e afastamento temporário da presidenta Dilma do cargo	90
6.5 A votação do processo no Senado e o seu desfecho final	93
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	103

1. INTRODUÇÃO

A linguagem perpassa todos os diversos campos da atividade humana (VOLÓCHINOV, 2017) e é através da linguagem que não só se estabelece a comunicação entre os homens, como também, construímos as significações e as representações do mundo que vivemos, desvelando os aspectos culturais, sociais e históricos de uma dada sociedade. Sendo assim, nas palavras de Fiorin (1998, p. 53), “a linguagem cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico”. Compreendemos, portanto, que a linguagem não é isolada do contexto social e ideológico, ela, na verdade, é constituída desse meio social, das relações sociais.

É partindo desse caráter social e histórico da linguagem, compreendendo seu aspecto ideológico e a sua importância para nossa compreensão de mundo, dos valores sociais, culturais e dos aspectos históricos de uma determinada sociedade, época ou período histórico, que temos como foco neste trabalho a linguagem humorística, uma vez que a utilização do humor como forma de reflexão sobre a realidade é recorrente. Na Grécia Antiga, por exemplo, já se produziam peças cômicas e satíricas abordando questões políticas e sociais daquele período¹.

Aristóteles, em sua obra a *Poética*, escrita cinco séculos antes de Cristo, já traçava comentários sobre a comédia que, conseqüentemente, está ligada ao humor e ao riso. O referido autor, define a comédia como imitação de homens inferiores, não virtuosos, considerados homens comuns. A comédia, para Aristóteles, só é possível com a exposição desses homens ao ridículo.

Nesse sentido, pensando na manifestação do humor na contemporaneidade, que se faz presente muito fortemente pelo uso da imagem, podemos perceber que a linguagem humorística se manifesta em vários veículos de comunicação, como, por exemplo, mídias televisivas, redes sociais, nas clássicas seções destinadas ao humor em jornais, que trazem em suas páginas: charges, tirinhas, cartuns, etc., abordando diversas temáticas (política, gênero, preconceito, religião, educação) presentes em nossa sociedade, em nosso cotidiano. Assim, percebemos que na

¹ Podemos citar as peças de Aristófanes (445 a.C. -386 a.C) que, em seu conteúdo, teciam críticas ao contexto social e a personalidades influentes da época. A peça *Os cavaleiros* é um exemplo da Comédia Antiga que tece críticas aos governantes de Atenas.

atualidade o humor continua sendo utilizado como uma ferramenta crítica da realidade, mas, de maneira mais ampla, manifestando-se por meio de diferentes formas discursivas.

Como afirma o historiador Saliba (2015), o tempo provoca profundas transformações na sociedade, alterando nossos hábitos, visões, valores e até mesmo as formas de governo. O humor, por sua vez, acompanha essas mudanças, pois ele é produzido historicamente e, sendo assim, cada momento histórico possui sua linguagem humorística (SALIBA, 2015), piadas que fizeram sucesso antigamente, por exemplo, podem não causar o mesmo impacto hoje, afirma Saliba (2015).

Desse modo, podemos concluir que a linguagem humorística está, inevitavelmente, atrelada a um contexto social e histórico e o que está sendo produzido nesse campo do humor reflete sobre a história de uma determinada sociedade.

Outro aspecto da linguagem humorística está em sua leitura crítica dos fenômenos sociais. Travaglia (1990) discute esse valor crítico do humor², mostrando que o humor não está apenas em função do riso, ou seja, o humor não está somente para fazer rir, mas pode ser utilizado como uma ferramenta de denúncia e questionamento da realidade. Segundo ainda esse pesquisador, “no humor a descoberta e revelação da verdade têm sempre por objetivo desmitificar, desmontar falsos equilíbrios” (TRAVAGLIA, 1990, p.68), ou seja, o humor traz uma representação da realidade, mas, ao mesmo tempo, é uma representação que rompe com a própria realidade, porque o humor atribui novos significados, ou melhor, ele ressignifica essa realidade, contrapondo, questionando ideias e pensamentos cristalizados socialmente.

Esse olhar crítico do humor sobre realidade se faz bastante presente na sociedade atual pelo o uso do humor gráfico, como, por exemplo, através do cartum, da caricatura, da tira e da charge. Essas diferentes formas de utilizarmos a

² Compreendemos que o humor pode se manifestar por diversos modos e várias perspectivas. A construção do humor se dá por meio do discurso, seja de forma verbal ou não verbal, e a reflexão que é feita através do humor, sobre qualquer aspecto social, pode ser guiado tanto por uma visão preconceituosa, reforçando estereótipos, como piadas racistas, machistas, como também pode ser utilizado como forma de reflexão, denúncia e questionamentos de certos comportamentos sociais, assumindo uma visão crítica da realidade, desmontando falsos equilíbrios, como afirma Travaglia (1990). Dessa forma, neste trabalho de pesquisa, o humor que pretendemos explorar e analisar nas charges que retrataram o processo de *impeachment* da presidenta Dilma está dentro dessa perspectiva crítica do humor.

linguagem, ou melhor, esses tipos relativamente estáveis de enunciados, que Bakhtin (2011) vai chamar de gêneros do discurso, assumem, na contemporaneidade, um papel importante por trazer, em seu conteúdo, não apenas informações sobre acontecimentos políticos, sociais e econômicos, mas também por expressar ou provocar, dentro da sua especificidade de gênero, uma reflexão sobre esses acontecimentos.

Nesse sentido, é importante ressaltar que cada gênero do discurso possui características próprias e função comunicativa específica, possibilitando diversas formas de significação e representação de mundo por meio da linguagem. Assim, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros dos discursos” (BAKHTIN, 2011, p.261). Essas particularidades do gênero também produzem efeitos distintos de compreensão, como expõe Marcuschi (2008), a escolha de um gênero textual³ no processo comunicativo está relacionada com a situação e o contexto de produção e, também, com sua finalidade comunicativa. O efeito e a finalidade comunicativa de uma notícia, por exemplo, que possui um aspecto e uma linguagem mais formal, é diferente em relação ao efeito e a finalidade comunicativa de uma charge, que se utiliza do humor para retratar os fatos do cotidiano.

Compreendendo que o gênero charge distingue-se em relação aos outros gêneros por possuir a imagem como parte constituinte de sua composição, uma linguagem verbal compacta (mas não menos complexa) e tendo como objetivo provocar não somente o riso, mas também a reflexão, é interessante perceber como esse gênero aborda as notícias e os fatos do cotidiano, especificamente, como os discursos, envolvendo o cenário político, são retratados nas charges, uma vez que

Atravessada pela historicidade constitutiva do discurso, a charge encaminha efeitos de sentido que não decorrem exclusivamente daquilo que se vê, ouve ou lê, mas que derivam de dizeres outros, deslocados e ressignificados no fio interdiscursivo, presentificando discursos que se deram em outros contextos históricos e que produzem sentidos que vão além da literalidade do dizer (CAVALCANTI, SILVA, 2013, p.1).

³ Entendemos que há uma diferença conceitual entre gênero textual definido por Marcuschi e gênero do discurso por Bakhtin, mas a utilização dos dois conceitos torna-se necessário, neste trabalho, porque, à medida que iremos analisar os discursos políticos nas charges, além dos aspectos discursivos, também analisaremos os aspectos textuais presentes no gênero.

Considerando esses aspectos do gênero charge e o caráter crítico da linguagem humorística presente nesse gênero, compreendendo que a charge, enquanto prática social, tem relevância na construção e na compreensão de mundo, na instituição de valores e nas contradições sociais, é que analisamos, nesta pesquisa, de que maneira os fenômenos linguístico-discursivos do humor manifestam-se e produzem sentidos em sua reflexão sobre os acontecimentos políticos e sociais de um determinado contexto histórico.

Desse modo, considerando a conjuntura política que estamos vivenciando hoje de turbulência econômica, política e social, principalmente, após a eleição presidencial de 2014, na qual foi eleita a presidenta Dilma Rousseff⁴ (PT), com 51,64% dos votos, temos, nesse contexto, um movimento de grandes embates político-partidários e, junto a isso, o caso de corrupção na Petrobras que resultou na Operação Lava Jato⁵. Tais fatos, atrelados à crise econômica na qual o país estava enfrentando, possibilitaram, antes mesmo que Dilma iniciasse o seu segundo mandato, a discussão sobre uma possível abertura de um processo de *impeachment* contra a presidenta. “A discussão sobre o início de um novo processo de *impeachment* no país mobilizou diversos setores da mídia jornalística, em uma cobertura que se transformou em espetáculo político-midiático”, afirma Fernandes (2016, p.202). Nesse sentido, Weber (2011) afirma que a

transformação de um acontecimento público em espetáculo político-midiático está diretamente vinculada à capacidade do evento em mobilizar diversas instâncias da vida social e política e impor-se aos meios de comunicação”. (Weber, 2011, *apud* FERNANDES, 2016, p.202).

Esses acontecimentos viabilizaram a importância de analisar como o humor, presente no gênero charge, funcionou como elemento de crítica e denúncia desses eventos políticos e sociais. Assim, para o desenvolvimento deste trabalho,

⁴ Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947, na cidade de Belo Horizonte (MG). Eleita duas vezes presidente da República, em 2010 e em 2014, Dilma Rousseff foi a primeira mulher a governar o Brasil. A presidenta iniciou sua militância política em 1964, com a derrubada do governo João Goulart. Ingressou na luta estudantil, militando posteriormente na Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). Dilma foi presa, torturada e teve os direitos políticos cassados. Quando o país foi redemocratizado, denunciou as torturas em processos judiciais, sendo indenizada pela Secretaria de Direitos Humanos do Rio de Janeiro, junto com outros perseguidos políticos. Fonte: Agência Senado. Acesso em: 17 de nov. 2019.

⁵ O nome do caso, “Lava Jato”, decorre do uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas [...]. A operação Lava Jato é a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve. Estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres da Petrobras, maior estatal do país, esteja na casa de bilhões de reais. Disponível em: < <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-lava-jato/entenda-o-caso>>. Acesso em: 25 de mai. 2019.

analisaremos a linguagem do humor nas charges veiculadas ao *Jornal Folha de São Paulo*⁶, procurando identificar de que maneira foi retratada e significada a conjuntura política brasileira, especificamente, o período que diz respeito ao processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (iniciado em 2 de dezembro de 2015 e encerrado em 31 de agosto de 2016).

A escolha do gênero charge como *corpus* de análise deste trabalho está relacionada ao fato desse gênero trabalhar com a linguagem humorística e por ter como principal característica a relação entre humor e a crítica ao contexto sócio-político, pois seu conteúdo temático está ligado aos noticiários, aos fatos do cotidiano, principalmente, personalidades e acontecimentos políticos.

A motivação deste trabalho, nesse sentido, está ligada ao interesse em compreender como humor, através de estratégias linguístico-discursivas e do uso de imagens utilizadas no gênero charge, estabeleceu a sua compreensão e representação de mundo no que diz respeito ao processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

O desenvolvimento deste trabalho se justifica por tratar de uma pesquisa que visa colaborar, dentro dos estudos da LA e de uma perspectiva dialógica da linguagem, na problematização das construções de sentidos do humor no gênero charge, como também, para a compreensão do caráter histórico, social e crítico presente no humor. As discussões que se objetiva apresentar neste estudo versam sobre questões que estão profundamente presentes na contemporaneidade, como o humor, os discursos políticos, as mídias, a imagem como forma de discurso, aspectos, estes, que consideramos significativos para a reflexão e problematização da relação que se estabelece entre a linguagem e o mundo social.

Desse modo, para o desenvolvimento desta pesquisa, teremos as seguintes questões que nortearão este trabalho: Quais os discursos foram produzidos nas charges no *Jornal Folha de São Paulo* referente ao período que antecedeu, contextualizou e precedeu ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff? Quais os recursos linguístico-discursivos utilizados para a construção do humor nas charges?

⁶ O *Jornal Folha de S. Paulo* foi escolhido para seleção das charges por trazer em suas páginas os gêneros tirinhas, cartuns e charges com bastante expressividade, além de concentrar grandes chargistas e cartunistas do país e, também, por ser um jornal de grande circulação e expressão nacional, ocupando sempre boas colocações no ranking dos jornais de maior circulação do país. Disponível em: < <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 30 de jan. 2019.

E quais sentidos e ressignificações essas charges fomentam sobre esse período político?

Diante das discussões apresentadas, esta pesquisa buscará atender aos seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Refletir sobre os sentidos produzidos pela linguagem do humor presente nas charges, publicadas no jornal *Folha de São Paulo*, que retrataram e produziram sentidos sobre o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Objetivos específicos:

- Analisar os mecanismos linguístico-discursivos do humor na construção de sentidos gênero charge;
- Identificar possíveis implicações dos efeitos de sentido e significação produzidas pelas charges que retrataram o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Este estudo está sendo desenvolvido no campo da Linguística Aplicada (LA) que compreende linguagem como prática social (MOITA LOPES, 2006; FABRICIO, 2006). A linguagem, nessa perspectiva, é fruto das relações sociais, produzida sob condições históricas por sujeitos historicamente determinados.

Trata-se, desse modo, de uma pesquisa de natureza qualitativa que considera a existência de uma relação dinâmica entre o objeto e o sujeito pesquisador, levando em conta no processo de pesquisa não apenas o caráter histórico-cultural do pesquisador, mas também do próprio objeto (CHIZZOTTI, 2017). Adotamos, nesse sentido, um posicionamento metodológico interpretativista que defende o estudo do homem considerando que o ser humano não é passivo, mas ele interpreta a realidade em que vive de forma contínua (MOITA LOPES 2006; OLIVEIRA, 2008).

Para a seleção das charges foi realizada uma filtragem, na plataforma digital da *Folha de S. Paulo*, dos jornais correspondentes aos meses do processo do *impeachment* (2 de dezembro de 2015 a 31 de agosto de 2016) e uma pré-seleção das charges.

Nesse período, em que ocorre o processo, foram produzidas 274 charges publicadas na seção Opinião. Como forma de delimitarmos nosso *corpus* de pesquisa, selecionamos cinco meses (dezembro de 2015, março, abril, maio e agosto de 2016) para a seleção final das charges, pois nesses meses ocorreram fatos relevantes e decisivos no que se refere ao processo do *impeachment*, como: a aceitação do processo do *impeachment* na Câmara dos Deputados; o rompimento do PMDB com o governo Dilma; a votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados; a abertura do processo pelo o Senado e o afastamento da presidenta e, por fim, a votação do processo no Senado e o seu desfecho final.

Para compor a análise final, foram selecionadas dez (10) charges dos meses citados, observando o seguinte critério: o diálogo da charge com o cenário do *impeachment*; a linearidade temporal que podemos acompanhar através das charges e, também, a possibilidade de analisar a linguagem do humor e seu caráter crítico ao produzir discursos e significações sobre os acontecimentos do *impeachment*.

Para estruturar e desenvolver as reflexões e discussões propostas neste estudo, dividimos este trabalho em sete seções. Nessa divisão, a pesquisa ficou organizada da seguinte forma:

Na primeira seção, temos a introdução do trabalho. Na segunda seção, apresentamos a relação entre língua, linguagem, discurso e ideologia; abordamos sobre a concepção de texto e sua produção de sentidos e, por fim, discutimos sobre os discursos nas mídias.

Na terceira seção, discutimos sobre o humor e o riso, tratamos sobre a criticidade que há no universo do humor e, por último, abordamos sobre a ironia como um recurso utilizado para a construção do humor.

Na quarta seção, abordamos sobre o gênero discursivo, as particularidades do gênero charge e o percurso do humor gráfico na imprensa.

Na quinta seção, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, promovendo uma discussão sobre as características da pesquisa em LA; discutiremos sobre a abordagem qualitativa presente neste trabalho; apresentamos o *corpus* de análise da pesquisa, explicando os procedimentos utilizados para a coleta de dados e o recorte da pesquisa e, por último, fizemos uma contextualização do cenário político e social em que as charges foram produzidas.

Na sexta seção, apresentamos as análises das charges fundamentadas pelo arcabouço teórico e metodológico apresentados neste trabalho. Por fim, na sétima seção, apresentamos as nossas considerações finais.

2. LÍNGUA/LINGUAGEM, IDEOLOGIA, TEXTO E SENTIDO

Nesta seção, abordaremos a concepção de língua, linguagem e discurso que adotaremos para o desenvolvimento teórico e análise deste trabalho. Discutiremos sobre o caráter ideológico presente na linguagem, pois entendemos que, para refletir sobre o humor e os diversos sentidos dos discursos presentes nas charges, é importante, nesta pesquisa, compreender a linguagem como histórica, social e dialógica, sendo construída no meio social e através das relações sociais nele presentes. Também apresentaremos uma discussão sobre texto e sua produção de sentidos e, no último tópico, discutiremos sobre os discursos nas mídias.

2.1 As relações dialógicas da linguagem

Na perspectiva da Linguística Aplicada, a linguagem é compreendida como “prática social, imbricada crucialmente em elementos contextuais” (MOITA LOPES, 2006, p. 28). Desse modo, pensar nas relações dialógicas da linguagem é pensar o discurso dentro de uma realidade histórica e social. É partindo dessa concepção de linguagem que Volóchinov, na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929)⁷, contrapõe-se às concepções de língua e linguagem dominantes no início do século XX: o subjetivismo individualista, fundamentado no psiquismo individual, que pensava a língua como um ato de fala individual, e o objetivismo abstrato, que entendia a língua como um sistema fechado sem relação com o ideológico, o que interessava era a lógica interna dos signos.

Na perspectiva de Volóchinov (2017), a linguagem não pode ser concebida como um ato individual, desvinculada da realidade, antes a linguagem deve ser compreendida como interação discursiva, a realidade fundamentada na língua, carregada de significação ideológica. Desse modo, Volóchinov (2017) ressalta que

De fato, o ato discursivo, ou mais precisamente seu produto – o enunciado – de modo algum pode ser reconhecido como um fenômeno individual no sentido exato dessa palavra, e tampouco pode ser explicado a partir das condições psicoindividuais e psíquicas ou psicofisiológicas do indivíduo falante. *O enunciado é de natureza social.* (p. 200, grifo do autor).

⁷ Ano da primeira publicação em Leningrado. A obra sobre a qual nos debruçamos nesta dissertação é a edição de 2017, publicada pela editora 34.

O enunciado, nesse sentido, é considerado como acontecimentos discursivos, que se realiza na interação entre os sujeitos, entre os discursos produzidos, e dentro de um contexto específico de produção, não de forma individual e isolado. A linguagem, dessa forma, é considerada como social e ideológica. Nessa perspectiva, Volóchinov (2017) afirma que a palavra é um fenômeno ideológico por excelência, toda sua realidade é absorvida na função de ser signo. Ainda segundo ele, “Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é um *medium* mais apurado e sensível da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99, grifo do autor).

Percebemos que o pensador do Círculo de Bakhtin se preocupou em deixar evidente que o fator ideológico é um ingrediente indispensável à palavra, que, na verdade, a palavra é um signo ideológico fruto do mundo exterior, das relações sociais que reflete e refrata outra realidade, os embates ideológicos, fato que acontece, por exemplo, no gênero charge que, através do uso da imagem, da ironia, do sarcasmo, expõe sua reflexão sobre os acontecimentos sociais, desvelando, pelo viés do humor, não só novos sentidos, como também mostra a sua representação de mundo, ou melhor, é exposto, dentro da especificidade desse gênero, o universo da política, os embates políticos, partidários e ideológicos.

Para Bakhtin todo enunciado se desenvolve dentro de uma ação verbal, sendo determinados por condições e finalidades específicas de cada esfera de atividade. Nesse sentido, ao falar do enunciado como a real unidade discursiva, Bakhtin (2011) também ressalta essa relação do discurso com o seu contexto e com o sujeito do discurso determinado historicamente.

o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir (p. 274).

Dessa forma, não podemos conceber a enunciação como expressão da consciência individual interior, mas como produto da interação entre indivíduos socialmente organizados, assim, “o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado [...] pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204). Nesse processo de interação discursiva, a

palavra do locutor se orienta dialogicamente em função do interlocutor, como ressalta Volóchinov (2017):

Em sua essência, a *palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquela *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente *o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor (p.205, grifo do autor).

Essa interação entre o *eu* e o *outro* só pode existir em uma comunicação discursiva concreta, em que se compreende que a língua vive e se forma no contexto histórico e social, nas relações sociais e não no sistema abstrato da língua, nem no psiquismo individual dos falantes (VOLÓCHINOV, 2017). Nesse sentido, Bakhtin (2011) afirma que a comunicação verbal se dá no processo de interação entre o locutor e o ouvinte. Nessa perspectiva, o locutor não está sozinho na interação verbal, tem-se nesse processo, um interlocutor que não é passivo, não se limita, simplesmente, a compreender o locutor. Assim, de acordo com Bakhtin (2011, p.271),

o ouvinte, ao receber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa *posição responsiva*: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepare-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira fala do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso).

Desse modo, o interlocutor sendo um ser histórico, carregado de ideologias, vai ter uma atitude responsiva ativa, ou seja, sempre irá se posicionar diante do discurso do outro, seja concordando, discordando ou silenciando. Como afirma Bakhtin (2011, p.271), “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva”. Desse modo, Bakhtin (2011) critica a forma abstrata que a linguística do século XIX tratava as funções comunicativas da linguagem, revelando que o grande problema e confusão na metodologia linguística é o desprezo total da realidade no processo da comunicação verbal. Segundo Bakhtin (2011, p.300):

O enunciado está voltado não só para o seu objeto mas também para os discursos do outro sobre ele. [...]. O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Entretanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes

da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos ainda não existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande [...].

Na perspectiva de Bakhtin (2011), no processo de interação verbal o falante leva sempre em consideração a posição do outro, ele aguarda, de alguma forma, uma resposta ativa do seu interlocutor. Segundo o autor, “Desde o início falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta” (BAKHTIN, 2011, 301). Assim, quando o ouvinte compreende o significado do que é dito em uma situação discursiva, ele assume uma posição responsiva ativa, essa compreensão o leva a concordar, discordar, opinar, ou seja, faz com que o ouvinte participe da interação verbal de forma ativa, e não de forma passiva, como é comumente pensada. Nesse aspecto, Bakhtin (2011) afirma que

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (p.348).

Desse modo, o diálogo é algo que está intrínseco a linguagem, a resposta do interlocutor, em um processo de interação, pode vir de várias maneiras, seja através do silêncio, de um gesto, olhar ou até em uma interrupção direta, a posição responsiva ativa do interlocutor sempre se fará presente no diálogo.

A linguagem, desse modo, é por natureza dialógica, não pode existir fora das relações dialógicas. Nesse aspecto, Brait (2006) ressalta que Bakhtin defende a construção dialógica do discurso, mostrando a estreita relação entre língua, linguagem, história e sujeitos. De acordo com Brait (2006), Bakhtin mostra que não podemos analisar essas categorias de forma separada, isolada, assim, a autora esclarece que:

Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que esse fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. Mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente

apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados. (p. 10).

Percebemos que, ao analisar qualquer discurso, não devemos esquecer que o homem é um ser histórico e social e que, portanto, seu discurso não pode ser desvinculado da sua história e de seu contexto. Nesse sentido, Bakhtin (2002), na obra *Questões de literatura e de estética*, ao afirmar que a estilística tradicional não se preocupa com o discurso do outro, tendo um olhar apenas para a palavra, o aspecto linguístico, traz sua reflexão sobre “a orientação dialógica do discurso para o discurso de outrem” (p.85). O autor expõe que

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 2002, p.86).

Podemos perceber que a defesa do dialogismo, dos entrecruzamentos de vozes sociais presentes da linguagem são tratados nas obras de Bakhtin. Seguindo também esse caminho, Lev Jakubinskij (2015), em sua obra *Sobre a fala dialógica*, também trata desse caráter dialógico da língua, mostrando que não há interação verbal sem diálogo. Ainda para esse autor, “Essencialmente, toda interação entre os indivíduos é necessariamente uma inter-ação. Em razão da sua natureza, ela busca evitar a unilateralidade, esforçando-se para ser bilateral, ‘dialógica’ e foge do ‘monólogo’” (JAKUBINSKIJ, 2015, p.76). Dessa maneira, Jakubinskij (2015) defende a dialogicidade da linguagem como algo natural, não é necessário criar condições artificiais (como no caso do monólogo) para que ela aconteça, ou seja, a ação verbal tem o poder de provocar uma reação verbal.

Podemos pensar essa dialogicidade da linguagem nas charges sobre o processo de *impeachment*, por exemplo, *corpus* de análise de nossa pesquisa. Os enunciados, verbais e não verbais, presentes nas charges estão ligados aos acontecimentos econômicos, sociais e políticos, eles são constituídos das relações sociais, produzidos por sujeitos sociais, logo, a partir dos enunciados produzidos, a charge estabelece uma forma de reação verbal ao que está sendo dito, discutido ou polemizado no momento, ou seja, reflete sobre os discursos que estão sendo produzidos socialmente, mas essa reflexão também refrata ou desvela outros sentidos, produz novos enunciados que, por sua vez, provocará outra reação verbal. Assim, “toda palavra dialoga com outras palavras, constituir-se a partir de outras

palavras, está rodeada de outras palavras” (FIORIN, 2018, p.22). A interação discursiva, desse modo, estabelece um diálogo, de forma mais ampla, com outros discursos e promove, inevitavelmente, o diálogo entre o “eu” e o “outro”, a ação verbal entre os sujeitos.

Devemos entender que a compreensão de um enunciado vai além da materialidade linguística, é necessário levar em consideração os significados dos discursos em relação ao seu conteúdo ideológico, como também as condições de produção desse discurso e o processo de interação discursiva entre o locutor e o ouvinte. Ao analisarmos um discurso, o que importa não é somente sua parte verbal, o dito, mas também, o não dito, o que está nas entrelinhas, e esses sentidos implícitos do discurso só poderão ser apreendidos quando o relacionamos com contexto social e com a realidade histórica no qual foi produzido. Um discurso isolado do seu contexto e de sua realidade é, portanto, um discurso vazio, sem sentido.

Para aprofundar mais essa discussão sobre linguagem e discurso, apresentaremos, no próximo tópico, outros autores que abordaram e expressaram suas concepções sobre o discurso.

2.2 Discurso

Para compreender a produção de sentidos realizada por meio do humor nas charges que retrataram o período do *impeachment* (2016), será necessária uma análise das estratégias linguístico-discursivas do humor presente nos discursos verbais e não verbais das charges. Tal análise, considerando o contexto de produção e as intenções discursivas, possibilitará refletir sobre as constituições de sentidos produzidas pelas charges através do humor. Desse modo, para colaborar com a discussão sobre a linguagem e discurso enquanto prática social, situados historicamente, traremos alguns autores que também se propuseram a refletir sobre o discurso e conceituá-lo.

Nesse caminho, temos Maingueneau (2008, p.15) que define discurso como “uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Dessa maneira, Maingueneau (2008) também compartilha do princípio de que não se pode analisar e entender o discurso distanciado do seu contexto histórico, do mundo exterior. De acordo com o autor, “as

unidades do discurso, constituem sistemas significantes, enunciados, e, nesse sentido, têm a ver com uma semiótica textual; mas eles também têm a ver com a história que fornece razão para as estruturas de sentido que elas manifestam” (2008, p. 16).

Ainda de acordo com Maingueneau, para a compreensão dos discursos também devemos levar em conta a posição do outro, do interlocutor, considerando suas crenças, seus valores e suas ideologias. Maingueneau (2005, p.20) esclarece que

a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as apresentações do enunciador. Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é dado preestabelecido e estável.

O discurso para Maingueneau (2008) é compreendido como práticas discursivas que está presente no dizível da língua, no linguístico, mas, para se ter uma significação dos discursos produzidos, se faz necessário também compreender que o discurso pertence a uma história, a um sujeito determinado, isto é, “como integralmente linguísticos e integralmente históricos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

Fairclough (2016), considerado um dos expoentes da Análise do Discurso Crítica (ADC), ao abordar sobre o discurso também contribui para pensarmos no discurso como prática social. Diferente da tradição saussuriana que estuda a língua de forma sistemática, Fairclough (2016) propõe considerar o discurso como “o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (p.94). Segundo esse autor, quando consideramos a linguagem como prática social, temos várias implicações:

Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação[...]. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela a estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis [...]. Por outro lado, o discurso é socialmente constitutivo[...]. O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringe: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. (FAIRCLOUGH, 2016, p.94).

Nesse processo dialético, o discurso tanto é restrito pela estrutura social como também significa a realidade. Nesse sentido, para Fairclough (2016), a linguagem é uma prática social de representação e de significação, sendo o discurso

um conjunto de práticas linguísticas que estabelecem, conservam, mas também questionam as estruturas sociais. O discurso, como ressalta o autor, “é uma prática, não apenas de representação de mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2016, p.95).

Nesse caminho de entendimento sobre a linguagem, Orlandi (2003, p. 25) argumenta que “a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”. O discurso, desse modo, só produz sentido porque o concebemos como produto das relações sociais, produzido por sujeitos determinados por condições históricas e sociais. Analisar qualquer discurso sem levar em consideração essa dialética da linguagem com a sociedade é reduzi-lo em palavras vazias de sentido e significação, como afirma Silva Sobrinho (2009, p. 148), “O *real da história* é o sustentáculo do *discurso* e da *produção* de sentidos; desse modo, seus andaimes, embora algumas e/ou muitas vezes distantes da concretude histórica, jamais escapam dos alicerces do real...” (*apud* SILVA SOBRINHO, 2011, p.23, grifo do autor).

A compreensão dessa relação entre linguagem e sociedade contribui para pensarmos a linguagem como forma de problematizar a realidade e os aspectos da vida social. O discurso possui um caráter político e social e por meio dele é veiculado as ideologias de uma dada sociedade. A língua, nesse sentido, só significa enquanto práticas discursivas inscrita na história.

Para complementar essa discussão, apresentaremos, no próximo tópico, algumas reflexões sobre língua e ideologia, buscando evidenciar, desse modo, o caráter ideológico da linguagem.

2.3 Ideologia

Segundo Miotello (2014), ideologia é um conceito fundamental nos trabalhos desenvolvidos pelo os autores do Círculo de Bakhtin. Ao tratar sobre ideologia, os estudiosos do Círculo procuraram romper com a tradição da época que compreendia a ideologia como subjetiva/interiorizada – que entendia a ideologia como uma ideia com lugar permanente na cabeça do homem – e como idealista/psicologizada – que compreendia a ideologia como fato da consciência, algo dado, pronto, (MIOTELLO, 2014). Ainda de acordo com Miotello (2014, p.168):

Bakhtin e seus companheiros do Círculo não trabalham, portanto, a questão da ideologia como algo pronto e já dado, ou vivendo apenas na consciência

individual do homem, mas inserem essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que eles tratam de forma concreta e dialética, como a questão da constituição dos signos, ou a questão da constituição da subjetividade.

Os estudiosos do Círculo partem da ideia de que a ideologia não pode ser compreendida como um fato individual, um sistema fechado, mas entende que a realidade está fundamentada na língua e, por isso, carregada de significação ideológica. Desse modo, a própria subjetividade do sujeito é também constituída do meio social, das relações sociais.

Nessa perspectiva, Volóchinov (2017) afirma que “*a consciência individual é um fato social e ideológico*” (p.97, grifo do autor). Nesse sentido, a definição que se tem de ideologia dada pelo Círculo é a seguinte:

Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio das palavras [...] ou outras formas sígnicas (VOLÓCHINOV, 1930, *apud* MIOTELLO, 2014, p. 169).

Dessa forma, percebemos que o fator ideológico pensando pelos os estudiosos do Círculo se concretiza através dos signos, como afirma Volóchinov (2017), quando assevera que “Tudo que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*” (p.91, grifo do autor). Nesse sentido, Miotello (2014) ressalta que os signos apresentam, além da sua dupla materialidade – no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico – são produzidos como signos ideológicos que reflete e refrata a realidade, eles partem do real, mas refrata outra realidade, produzindo novos sentidos, significações e efeitos ideológicos. Assim, como expõe Volóchinov (2017) “... a *palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável*, a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (p.100, grifo do autor). Dessa maneira, podemos entender, então, que através da linguagem e seu aspecto ideológico, há uma apreensão do real em forma de signos que estabelece uma representação de mundo e dos próprios sujeitos que estão inseridos em um grupo social, em um contexto histórico.

Seguindo essa perspectiva, Ferreira (2003, p. 203) compreende que “o discurso é um ponto crucial onde se articulam os diversos fios que compõem seu tecido; verdadeira instância de produção de sentidos, em cuja materialidade (discursiva) se confrontam o linguístico e o ideológico”. E nesse confronto, a linguagem se estabelece como discurso, extrapolando o campo da estrutura

linguística, o discurso se constitui enquanto prática discursiva carregada de múltiplos sentidos e significações ideológicas.

Não podemos compreender, portanto, a linguagem dissociada do caráter ideológico, como também, não podemos pensar que os mecanismos enunciativos possuem um único sentido e que são autoevidentes, pois, de acordo com (ORLANDI, 1988, p.54), esses mecanismos “são construções discursivas com efeitos de caráter ideológico. É necessário, assim, atravessar os aspectos considerados evidentes do texto para chegar ao discurso e suas múltiplas significações.

Essa discussão entre discurso e texto nos direciona para o próximo tópico no qual abordaremos sobre a concepção de texto adotada neste trabalho, assim como os elementos que contribuem para a produção e compreensão dos sentidos presentes em um texto.

2.4 Texto, compreensão e sentido

Quando adotamos uma concepção dialógica de língua na qual se compreende que a linguagem é construída a partir da interação entre os sujeitos que são determinados historicamente, tal postura nos faz também compreender o texto como um lugar de interação entre os sujeitos. De acordo com Koch (2015, p. 18),

o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Desta forma, há lugar no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocongnitivo dos participantes da interação. (grifo da autora)

Desse modo, devemos compreender que o texto não deve ser entendido como uma simples mensagem que pode ser facilmente decodificada, o texto corresponde a uma atividade complexa realizada por sujeitos sociais e ativos e sua compreensão deve ser considerada, de acordo com Koch (2015), como

uma *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo (p.18, grifo da autora).

Dessa maneira, podemos entender que o sentido do texto está tanto na produção textual, como também nos elementos sociocognitivo mobilizados pelos

interlocutores em dada situação de comunicação, ou seja, dentro de um evento discursivo. Como afirma Koch (2015), “O *sentido* de um texto é, portanto, *construído* na interação texto-sujeitos (ou texto- coenunciadores) e não algo que preexista a essa interação” (p.18, grifo da autora).

Percebemos que dentro da Linguística Textual (LT), quando pensamos na produção de sentidos de um texto, o contexto aparece como um elemento indispensável para uma compreensão mais ampla e significativa do texto. Desse modo, dentre as várias definições e compreensões que se tem de contexto, podemos compreender, de acordo com Koch (2010), que o contexto “engloba não só o **cotexto**, como também a **situação de interação imediata**, a **situação mediata** (entorno sociopolítico-cultural) e o **contexto cognitivo dos interlocutores** (p.63, grifo da autora). Mas Koch (2010, 2015) afirma que o contexto sociocognitivo chega a integrar todos os outros, pois ele engloba os vários tipos de conhecimentos arquivados na memória dos sujeitos sociais que são ativados e mobilizados no momento da interação verbal, assim, o contexto sociocognitivo dos interlocutores mobiliza

o conhecimento lingüístico propriamente dito, o conhecimento enciclopédico, tanto de tipo declarativo, quanto de tipo episódico (“frames”, “scripts”) (cf. KOCH, 1997), o conhecimento da situação comunicativa e de suas “regras” (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (gêneros ou tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas), bem como o conhecimento de outros textos que permeiam cada cultura (intertextualidade). (KOCH, 2015, p.27).

Nesse sentido, a compreensão de um texto exige do leitor muito mais que o conhecimento do código linguístico, pois não se trata de uma simples captação de uma representação mental, o texto é uma atividade interativa e complexa de produção de sentidos. Nessa perspectiva, Koch (2015) elenca algumas estratégias pelas quais esses conhecimentos são mobilizados pelos os atores sociais:

- cognitivas, como as de inferenciação, de focalização, de busca da relevância;
- sóciointeracionais, como as de preservação das faces, polidez, atenuação, atribuição de causas a (possíveis) mal-entendidos, de negociação, etc.;
- textuais: conjunto de decisões concernentes à organização textual, feitas pelo produtor do texto, tendo em vista seu “projeto de dizer” (pistas, marcas, sinalizações). (p. 28).

Isso nos possibilita dizer que a compreensão de sentidos do texto exige do leitor uma série de atividades cognitivo-discursivas (cognitivo, textuais e

sociointeracionais). Desse modo, a produção de sentido se concretiza à medida que o interlocutor leva em consideração os aspectos contextuais relacionado ao conhecimento da língua, do mundo, da situação de comunicação (PORTO, 2009).

Esses fundamentos sobre o sentido do texto serão relevantes para a análise do *corpus* deste trabalho, pois para chegar à compreensão dos sentidos produzidos pelas charges que retrataram o processo de *impeachment*, será necessário analisar, além os elementos verbais e não verbais presentes nas charges, o próprio contexto e a situação de comunicação em que as charges foram produzidas. Essas estratégias, que buscam contribuir na compreensão dos sentidos do texto, nos possibilitarão entender e discutir, com mais clareza, as possíveis significações que as charges produziram sobre o *impeachment* da presidenta Dilma.

Mas além de utilizarmos os pressupostos da LT para a análise das charges em nossa análise, também estabeleceremos um diálogo com a perspectiva de texto da Análise de Discurso, uma vez que nos importa compreender os efeitos de sentidos dos discursos presentes nas charges.

Na perspectiva da Análise do Discurso, Eni Orlandi (2004) define texto como uma peça de linguagem, “uma peça que representa uma unidade significativa” (p.52). Para a autora, as palavras não possuem significados em si, mas é o texto que produz sentido e significa. Nesse sentido, Orlandi (2014, p. 52) argumenta:

Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade [relação das palavras entre si e com a exterioridade], ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa.

Dessa forma, o leitor não faz uma leitura de palavras, mas o sentido do texto é construído em um processo que envolve a superfície textual com a exterioridade, com o contexto histórico e social. Na verdade, Orlandi (2004) compreende o texto como um objeto linguístico-histórico, assim, para um texto produzir sentido é necessário recorrer à história para significar. Segundo a autora, o texto, enquanto discurso, desenvolve-se de múltiplas formas e em determinadas condições e situações sociais. Nesse aspecto, Orlandi (2004, p.54) afirma que

o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada — embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira — pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer).

Assim, a relação estabelecida entre a linguagem e a realidade é um processo atravessado pela história, por sujeitos historicamente determinados. O sentido não se esconde no texto, mas, de acordo com Orlandi (2012, p. 21), “A questão do sentido torna-se a questão da própria materialidade do texto, de seu funcionamento, de sua historicidade, dos mecanismos dos processos de significação”.

Podemos entender, desse modo, que os sentidos de um texto não estão em seu conteúdo fechado, mas em sua materialidade discursiva que possui uma relação dialógica entre linguagem, história e sujeito. Portanto, ao analisarmos as charges que dialogam com o processo de *impeachment* da presidenta Dilma, não podemos deixar de considerar que os sentidos produzidos pelos os discursos presentes nas charges são constituídos dessa relação da linguagem com as condições exteriores e a historicidade.

2.5 Discurso nas mídias

É necessário compreender que a Revolução Industrial ocorrida no século XVIII e a consolidação do capitalismo como modo de produção no século XIX, geraram importantes mudanças não somente no campo da economia como também nas relações sociais, que foram profundamente impactadas pelos meios de comunicação. O surgimento da fotografia, do telégrafo, o telefone, os jornais de grandes circulações, revistas ilustradas, o cinema etc., são alguns dos exemplos de algumas das transformações nos meios de comunicação de século XIX (FEIJÓ, 1997). Posteriormente, no século XX, temos “a chegada da mídia eletrônica, isto é, o rádio e a televisão. A comunicação de massa tornar-se-ia muito mais ampla e poderosa, sendo capaz de moldar opiniões e comportamentos” (FEIJÓ, 1997, p. 12).

Todo esse processo de mudanças nas relações sociais decorrente dos meios de comunicação foi intensificado com o surgimento da internet e das diversas mídias sociais. Consideramos que as mídias têm assumido um papel significativo para a comunicação e propagação de informações na sociedade contemporânea. Sobre essa questão, Rettberg (2011) chega afirmar que

Devido ao seu grande impacto na divulgação de notícias e na formação de opiniões, os meios de comunicação foram catalogados como o quarto poder das democracias, somando-se aos três poderes tradicionais: o Legislativo, o Executivo e o Judiciário⁸. (p. 1, tradução nossa)

⁸ Trecho original: Debido a su gran impacto em la divulgación de noticias y em la formación de opiniones, los medios de comunicación han sido catalogados como el cuarto poder de las

Tal afirmação nos mostra o poder e a influência que a mídia possui na construção de mundo, nas construções de imagens e valores na sociedade atual. Segundo Charaudeau (2015, p. 63), “Toda instância de informação, quer queira, quer não, exerce um poder de fato sobre o outro”. Desse modo, quando falamos sobre linguagem e discurso, não podemos deixar de discorrer sobre as influências das mídias nas formas de comunicação e sobre as próprias relações sociais.

Segundo Moita Lopes (2006), há uma contínua discussão sobre o papel da mídia na construção de quem somos, uma vez que “o mundo externo entrou violentamente no lar - na profusão das mídias, devido à torrente de imagens e sons [que] domina nossas vidas” (GITLIN, 2003, p.25, *apud* MOITA LOPES, 2016, p.93). A nossa possibilidade de experimentar os acontecimentos do mundo é muito mais ampla hoje devido às diversas formas de comunicação e propagação de informações possibilitadas pelas mídias que nos faz vivenciar qualquer evento ou acontecimento social, seja local ou mundial. E a partir do momento que entramos em contato, cotidianamente, com essas informações e vivenciamos esses acontecimentos, devemos ter consciência que isso tudo tanto influencia no que nós somos e nas nossas tomadas de decisões como também fará parte no processo de construção de nossa subjetividade. Nesse sentido, Rincón (2011) ressalta que:

A comunicação e a mídia trabalham com percepções e representações e, portanto, são uma máquina para a produção de significados e símbolos localizados na cultura; seu jogo político é dado, pois produz agendas públicas, visibilidades e atmosfera para a tomada de decisões individuais e coletivas⁹ (p.7, tradução nossa).

Percebemos que os meios de comunicação atrelados às mídias podem, aparentemente, parecer querer apenas informar, expor os fatos, mas o que não podemos deixar de observar é que, na verdade, essas formas de comunicação constroem, produzem sentidos, tornando-se, assim, instrumento de poder e persuasão. Charaudeau (2015, p.133) observa que as mídias “têm como tarefa dar conta de acontecimentos que se situam numa corporalidade enunciativa”. As mídias, ainda segundo o autor, tentam aproximar:

democracias, sumándose a los tres poderes tradicionales: el Legislativo, el Ejecutivo y el Judicial (RETTBERG, 2011, p. 1).

⁹ Trecho original: La comunicación y la mediática trabajan con percepciones y representaciones y, por eso, son una máquina de producción de significados y símbolos localizados en la cultura; su juego político está dado en cuanto produce agendas públicas, visibilidades y atmósfera para la toma de decisiones individuales y colectivas (RINCÓN, 2011, p.7).

Instante do surgimento do
acontecimento

Instante do consumo da notícia

Charaudeau (2015) reitera essa questão afirmando que “As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem no espaço público” (p. 19, grifos do autor) e, ainda, ressalta:

A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular de mundo. Mesmo a imagem, que se acreditava ser mais apta a refletir o mundo como ele é, tem sua própria opacidade [...]. (CHARAUDEAU, 2015, p.19).

Essas afirmações nos possibilita pensar que as informações que chegam até nós, sejam veiculadas ao um jornal ou alguma mídia social, sejam em gênero notícia¹⁰ ou em uma charge, não podem ser consideradas como um recorte fiel ou “verdadeiro” da realidade, trata-se, antes, de uma possível representação dessa realidade, uma perspectiva daquela realidade. As informações estão dentro de uma situação de comunicação e veiculada a um conhecimento de mundo e uma intencionalidade tanto do olhar de quem procura retratá-las como também tem a hermenêutica de quem lê e interage com elas. Ainda segundo Charaudeau (2015, p.33):

Qualquer que seja a pergunta que se faça a respeito de informação, vota-se sempre para a questão da linguagem. A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos de uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido. Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação.

Para o autor as informações se realizam por meio de discurso e o sentido de qualquer discurso não pode ser buscado somente nas palavras, é necessário considerar a situação de comunicação, ou seja, a condição de produção do texto, a forma de circulação e seu interlocutor.

Essas discussões nos possibilitam a refletir não somente sobre importância das mídias no processo de veicular informações, como também compreender que, ao tentar informar, os meios de comunicação, veiculados a mídia, produzem discursos e que não são neutros, eles são capazes de influenciar a forma de pensar

¹⁰ Charaudeau (2015, p.133) propõe chamar notícia “a um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado (grifo do autor).

e agir em sociedade. A mídia é uma grande influenciadora na construção de sentido e significação da realidade, ela, a partir do seu ponto de vista, constrói imagens e interpretações dos acontecimentos do cotidiano, expondo uma concepção de mundo.

Após essas reflexões, apresentaremos, na próxima seção, as discussões sobre o humor, o riso e o cômico, o caráter crítico que envolve a produção do humor e o recurso da ironia no humor.

3. O HUMOR

Nesta seção, abordaremos sobre o humor, o riso, o cômico e a ironia, tentando compreender a produção do humor e sua relação com o contexto histórico, social e cultural de uma época, de uma sociedade. Buscaremos, também, refletir sobre o caráter crítico do humor, suas particularidades e as novas formas de manifestações do humor na atual cultura mediática.

3.1 Estudos sobre o humor

Quando falamos sobre humor, quase que inevitavelmente temos que perpassar pelo caminho do riso e do cômico. Nessa tentativa de diferenciar humor, riso e comicidade, Queiroz (2015) no seu artigo, *Categorias de humor na série Mafalda, de Quino*, afirma que o riso pode ser considerado como simples ato fisiológico de rir, uma resposta de nosso corpo, significando um alívio ou, até mesmo, o efeito do humor sobre nós. Já o humor seria manifestações de desvios da realidade, quebra do óbvio e interrupção do que é lógico que provocaria, assim, o riso e, por fim, a comicidade que pode ser compreendida como as diferentes maneiras de configuração do humor, as diferentes formas de desvios encontrados no humor. Em resumo, portanto,

RISO	Ato fisiológico de rir
HUMOR	Desvio da realidade padrão, quebra do óbvio e da lógica
COMICIDADE	As diferentes maneiras de configurações do humor

Ao iniciarmos nossa pesquisa para tentarmos compreender o humor, percebemos que há um consenso entre os estudiosos que, de alguma forma, se debruçaram sobre o humor. Essa concordância está relacionada ao fato de que o riso é humano. Aristóteles, IV séculos a.C, já falava dessa particularidade do riso. Em sua obra, *Partes dos animais*¹¹, o autor aborda da parte física do riso e afirma

¹¹ ARISTÓTELES. *Partes dos animais*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Da Moeda, 2010. Nessa obra, Aristóteles apresenta uma classificação dos animais.

que o homem é um único animal capaz de rir, colocando o riso como algo pertencente à especificidade humana.

Também na obra a *Poética* (1973), Aristóteles traça breves comentários sobre a comédia que, conseqüentemente, está ligada ao humor e ao riso. Sobre a comédia, Aristóteles (1973, p.447) expõe que:

A comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda espécie de vícios, mas só quanto àquela parte torpe do ridículo. O ridículo é apenas um certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor.

Em sua arte *Poética*, Aristóteles afirma que a tragédia é a imitação de homens superiores (heróis), virtuosos. Já ao falar da comédia, o autor a define como imitação de homens inferiores, não virtuosos, considerados homens comuns. O humor e o riso, segundo Aristóteles, só são possíveis na comédia com a exposição do ridículo. Ele considera que é com a ridicularização de personalidades, de conteúdos presentes na sociedade que se consegue alcançar o riso. Na charge, por exemplo, a ridicularização de personagens, de figuras políticas é algo muito presente em seu conteúdo.

Também Bergson, na obra *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade* (2001), ao abordar sobre os três fatores que estão relacionados ao fenômeno da comicidade, retoma essa ideia inicial de Aristóteles. Assim, como primeiro fator ligado à comicidade, Bergson (2001) afirma que não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano, definindo o homem não apenas como o único animal que ri, mas também que faz rir de maneira consciente.

O riso, logo, é produto humano, fruto de suas relações sociais, como explica Rossetti (2012, p. 67), “Rimos da inadequação, do indivíduo, das convenções sociais, da impropriedade do comportamento ao ambiente social e da inconveniência das palavras em sociedade”. Desse modo, o riso está relacionado à atividade humana podendo ser considerado, assim, como um fenômeno social.

O segundo fator relacionado à comicidade, defendido por Bergson (2001), está voltado para insensibilidade que acompanha, de forma comumente, o riso. O homem só ri de algo se não estiver envolvido emocionalmente ou esquecer-se momentaneamente da afeição que sente, ressalta Bergson (2001). O terceiro fator está associado à contextualização social do riso, a comicidade não se dá de forma isolada. “Não saborearíamos a comicidade se nos sentíssemos isolados. Parece que

o riso precisa de eco” (BERGSON, 2001, p.4). O riso é visto, desse modo, como um fenômeno social, vinculando o indivíduo à sociedade, a coletividade. Ainda sobre essa questão, Bergson (2001, p.5) afirma que

Nosso riso é sempre o riso de um grupo. Ao leitor talvez já tenha ocorrido ouvir, em viagem de trem ou à mesa de hospedarias, histórias que deviam ser cômicas para os viajantes que as contavam, pois os faziam rir com gosto. O leitor teria rido com eles se pertencesse à sociedade deles. Mas, não pertencendo, não tinha vontade alguma de rir.

De fato, para que algo nos faça rir é necessário que se tenha conhecimento do objeto ridicularizado, não podemos rir de algo que não conhecemos e que não se tem nenhuma intimidade. Nesse aspecto, o riso depende de um conhecimento compartilhamento entre os sujeitos para ser compreendido. O riso é o riso de um grupo, como afirma Bergson (2001), porque a comicidade está inserida em um determinado contexto social e, portanto, para rir de algo cômico é necessário conhecer ou pertencer a tal contexto.

O riso, assim como afirma o autor, tem uma significação e uma dimensão social, ele acontece em razão da situação, das pessoas e da sociedade. Nesse sentido, Bergson (2001, p.6) declara que “Para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é a função social”.

Essa perspectiva do riso, também é ressaltada por Bakhtin, na obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Nesse estudo, ao analisar a obra literária de Rabelais, Bakhtin (2010) nos apresenta algumas particularidades da cultura cômica popular presente na Idade Média e no Renascimento. Em sua análise, o autor observa que o carnaval ocupava um espaço significativo nas festas, nos ritos e nos espetáculos medievais, como afirma Bakhtin (2010, p.4), “Os festejos do carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a vida se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval”.

Bakhtin (2010) evidencia que o carnaval se constituía em uma manifestação de um sujeito coletivo que, contagiado com a energia carnavalesca, expressava sua visão de mundo e das diferentes relações sociais. De acordo com o autor, esse espírito carnavalesco permitia com que houvesse o diálogo entre dois mundos distintos, o mundo oficial e não-oficial. Sobre esse aspecto, Bakhtin (2010) afirma:

Todos esses ritos e espetáculos organizados à maneira cômica apresentavam uma diferença notável, uma diferença de princípio, poderíamos dizer, em relação às formas do culto e às cerimônias oficiais

sérias da Igreja ou do Estado feudal. Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida* aos quais os homens da Idade Média [...]. (BAKHTIN, 2010, p. 5, grifos do autor).

Nesse contexto carnavalesco, momento em que as hierarquias subvertem a ordem do que está posto socialmente, Bakhtin (2010) entende que o riso carnavalesco é patrimônio do povo, tem um caráter universal, atingindo todas coisas e pessoas, mas também, para o autor, o riso possui um aspecto ambivalente, ele “é alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN, 2010, p.10). Ao caracterizar o riso no período do Renascimento, Bakhtin (2010) também ressalta essa característica de ambivalência presente no riso.

A atitude do Renascimento em relação ao riso pode ser caracterizada, da maneira geral e preliminar, da seguinte maneira: o riso tem um profundo valor de concepção e o mundo é uma das formas capitais pelos quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade sobre a história, sobre o homem; é o ponto de vista particular e universal sobre o mundo que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: *somente o riso; com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo* (BAKHTIN, 2010, p. 57, grifo nosso).

Desse modo, percebemos que no Renascimento o riso era considerado como positivo, criador e, ao mesmo tempo, como uma forma de conceber o mundo dentro de um aspecto sério. Dentro dessa concepção, o riso e o sério se estabeleciam como duas maneiras opostas de se ver o mundo e suas manifestações essencialmente humanas.

Nessa perspectiva, Santos (2012) afirma que o humor está contido nas diversas manifestações humanas e pode manifestar-se por diferentes meios, como na fala, nos gestos, na palavra escrita ou impressa, nas imagens etc., assumindo forma de chiste, ironia, sátira ou paródia. Desse modo, Santos (2012) acredita que se pode definir o humor “como *uma narrativa que, determinada por condições sociais, culturais e históricas, gera um efeito em seu receptor, o riso* (p.34, grifo do autor). O autor ainda ressalta que “Para ser compreendido e levar ao riso, o humor precisa tratar de atitudes humanas que tenham ligação com uma sociedade, com uma cultura, com um determinado grupo social e com um tempo histórico definido” (SANTOS, 2012, p.35). Assim, entendemos a relevante função do riso quando ele

integra sentidos na coletividade e, como o riso de grupo, compartilha conhecimentos sobre os fatos.

A compreensão dessa dimensão e função social do humor, ressaltadas por vários autores que se propuseram a refletir sobre o humor, o riso e o cômico, serão importantes para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que discutiremos as particularidades do discurso envolvendo o humor e seu caráter crítico nas charges analisadas sobre o *impeachment*. Sendo assim, devemos considerar, em nossas análises, que o humor e o riso são fenômenos culturais e sociais e assumem uma visão crítica dos fatos sociais e das relações humanas.

No próximo tópico, abordaremos sobre o humor e sua relação com a criticidade, objetivando refletir sobre o caráter crítico que o humor carrega em sua linguagem e na sua forma de posicionar sobre os acontecimentos sociais.

3.2 Humor e crítica

Como expusemos até aqui, compreendemos o humor como um fenômeno linguístico-discursivo que retrata e reflete sobre a realidade que nos cerca, se faz importante pensarmos o humor não apenas como um elemento de entretenimento, mas também como uma ferramenta crítica da realidade.

O caráter crítico do humor é bem representado, no contexto atual, pelos gêneros tirinhas, cartuns, charges que buscam refletir sobre os acontecimentos sociais e políticos da sociedade. Como afirma Balogh (2012, p.11),

o riso e o humor na contemporaneidade passaram a existir nos meios sonoros, nos meios visuais, nos meios audiovisuais, digitais, em toda parte, e podem resultar da intervenção de qualquer vil mortal ligado no midiático.

Mas é importante ressaltar que essa criticidade presente no humor não é algo pertencente, especificamente, a nossa sociedade atual. Percorrendo a história do riso, encontraremos que Aristófanes (445 a.C. -386 a.C.), na Grécia Antiga, já produzia peças cômicas e sátiras que abordavam questões políticas e sociais daquele período, tecendo críticas ao contexto social e a personalidades influentes da época. Sobre tal questão, Minois, em seu livro *A história do riso e do escárnio* (2013), afirma:

Esse representante da comédia antiga oferece um cômico rude, agressivo, que não poupa nada nem ninguém: os apaixonados, os políticos, os filósofos, os próprios deuses são ridicularizados. Diante desses adeptos da visão séria do mundo, Aristófanes toma o partido de rir deles (p. 38).

Então, podemos compreender que esse caráter crítico relacionado ao humor só se acentuou em nossa sociedade contemporânea devido à ampliação das diversas formas de manifestação do humor. Nesse sentido, Travaglia, em seu texto *Uma introdução ao estudo do humor pela linguística* (1990), fala desse valor crítico que o humor possui, afirmando que

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. **Ele é uma espécie de arma e denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico: uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de demonstrar falsos equilíbrios** (p.55, grifo nosso).

Com isso, percebemos que o humor pode ser utilizado como uma arma de denúncia das estruturas sociais e preconceitos estabelecidos e fixados na sociedade e como forma de produzir sentidos e significações sobre o mundo. Como afirma Silva (2016), o riso sendo uma forma de percepção do mundo, “torna-se um instrumento de poder, ou seja, de opinar e mostrar a realidade diante de seus aspectos rígidos velados pela sociedade” (p.123).

Dessa forma, o humor cria sua percepção de mundo, através de suas construções discursivas, o humor, ao mesmo tempo em que denuncia, revela as relações conflituosas que se estabelece entre o sujeito o meio social. Esse aspecto do humor está presente na relação dos quatro objetivos apresentados por Travaglia (1989), como podemos observar a seguir:

1. **Riso pelo riso:** O objetivo do humor seria única e exclusivamente divertir, fazer rir. [...].
2. **Liberação:** Esse objetivo foi proposto pela abordagem psicológica, mas apesar disso não deve ser entendido como uma pura forma de extravasão ou catarse. Essa liberação tem um caráter sócio-psicológico uma vez que através do humor se rompe a proibição e a censura social imposta ao indivíduo ou a grupos. [...].
3. **Crítica social:** Um dos objetivos básicos do humor é a crítica social (que pode ser política, de costumes, instituições, serviços, caráter ou tipo humano ou governo). [...].
4. **Denúncia:** A crítica se dirige normalmente aos comportamentos explícitos, admitidos e mesmo incentivados, pela sociedade. Muitos comportamentos não admitidos pelas normas sociais explícitas, mas são praticados de acordo com um outro código que afronta o primeiro e se mantém graças à dissimulação, à hipocrisia e à convivência social de todos (como no caso da corrupção, desvios institucionais). [...]. (TRAVAGLIA, 1989, p.49-50).

Trazer esses objetivos do humor apontados por Travaglia (1989) torna-se importante para este trabalho uma vez que defendemos que o nosso *corpus* de análise, as charges, não está para simples fazer rir – o primeiro ponto colocado por Travaglia (1989) – mas que as charges sobre o *impeachment* da presidenta Dilma possui um caráter crítico, elas rompem com a censura social, estabelecendo uma crítica social e uma denúncia a todo o processo que envolveu o *impeachment* de 2016 e são esses objetivos do humor que pretendemos explorar neste estudo.

Esses objetivos direcionados ao humor nos mostra a relevância de estudar os discursos produzidos pela a linguagem humorística, pois como afirma Ferreira (2017. n.p), “O humor é hoje em dia reconhecido internacionalmente como um tema da maior importância nas relações entre culturas, na discussão dos estereótipos e do outro, nas relações entre memória e riso, entre riso e subversão”. Nessa mesma perspectiva, Santos (2012, p. 44, grifo nosso) também argumenta:

Assim como os produtos culturais disseminados pelos meios de comunicação massivos refletem as contradições da sociedade e do ser humano, o humor tem servido não apenas ao entretenimento alienado e inconsequente, *mas também para fustigar as ideias estabelecidas, para criticar os modismos e para denunciar a hipocrisia*. Mesmo com o controle ideológico exercido em tempos ditatoriais e com os interesses comerciais norteando a produção cultural, o humor continua a ser corrosivo, expondo a verdadeira face do ser humano, aquilo que, sob a aparência séria e formal, ele tem de mais ridículo. *Para compreender o humor na era da comunicação de massa, faz-se necessário perceber o quanto ele é crítico e como aponta para os defeitos enquanto provoca o riso*.

Segundo Santos (2012), o humor, então, denuncia, expõe a hipocrisia da sociedade e suas contradições. Tal postura crítica podemos encontrar, por exemplo, nas charges sobre o *impeachment* da presidenta Dilma, através do uso de imagens e das palavras, trazem sua perspectiva crítica da realidade, dos acontecimentos políticos e sociais, promovendo sua reflexão e desestabilizando o *statu quo*, promovendo novos sentidos e diferentes significações do real. Contudo, devido ao caráter cômico do humor, essa crítica se realiza de forma singular, como ressalta Travaglia (1990), ao falar que o humor encontra no riso um diferencial em sua crítica. Para esse pesquisador:

o humor está indissolivelmente ligado ao riso e é apenas o riso que diferencia o humor de outras formas de análise crítica do homem e da vida, de outras formas de rebelião contra o estabelecido, o controle social e o impedimento dos prazeres e o conseqüente desequilíbrio e reestruturação do mundo sócio-cultural; de outras formas de revelação da verdade e da criatividade (TRAVAGLIA, 1990, p.66).

É importante ressaltar que Travaglia (1990) compreende o riso como um movimento de satisfação do espírito que pode manifesta-se tanto interiormente como também de forma explícita, pois o ato fisiológico de rir pode resultar não apenas do humor, mas pode estar presente no ato de desdém, no nervosismo, ato de reflexo de quem recebe coegas, etc. Desse modo, entendemos que ao defender a relação entre humor e riso, Travaglia (1990) não está se referindo, necessariamente, ao riso audível, a gargalhada, mas o autor compreende o riso de uma forma mais ampla, “como um movimento de satisfação de espírito, provocado por qualquer mecanismo humorístico, e que pode ficar no íntimo de quem ‘ri’, constituindo o que já se chamou de ‘riso recôndito’ ou riso interior, ou manifestar em reações fisiológicas” (TRAVAGLIA, 1990, p.66). Assim, ainda segundo o autor, o riso do humor são contínuas reações que revelam o ludismo na crítica, dando uma aparência de “não-sério”. Desse modo, isso permite que o humor produza discursos e críticas que, certamente, gerariam problemas ou conflitos caso fossem ditas fora do humor.

Essa aparência de “não-sério” atrelado ao humor gera, às vezes, um valor negativo. Nesse sentido, Teixeira (2005) discute sobre a negatividade em relação ao humor dentro do espaço da racionalidade exaltada no século XVII. De acordo como autor, o humor vai de encontro à razão que se coloca como portadora de um saber exclusivo e inequívoco, em que a seriedade é um critério de confiabilidade e credibilidade. Segundo Teixeira (2005):

O humor não mantém qualquer relação de positividade com a razão, ao contrário, ele não só nega como anula seus dois principais atributos e mediação social: o bom-senso e o senso comum. Ela separa o humor da verdade, uma vez que para a razão só o sério legitima o saber, só ele é capaz de produzi-la (TEIXEIRA, 2005, p. 35).

Nessa perspectiva, Teixeira (2005) afirma que a razão avalia e valida, através desse crivo da seriedade, os discursos do saber, reconhecendo ou negando a verdade de qualquer outro discurso. Em consequência disso, Teixeira (2005, p.35) percebe que “a sociedade não se relaciona com o humor senão através de uma relação de negatividade, fora de qualquer atributo ou faculdade que vá além da imediatividade do riso”. Desse modo, Teixeira (2005, p.35) ressalta que

No caldeirão da língua e da cultura no qual a sociedade cozinha o conhecimento com os ingredientes exclusivos que a razão sanciona, o humor dilui a fronteira entre o verdadeiro e o falso, provoca a fissura no ser que ri, e ameaça a segurança que preside suas mal-temperadas certezas cotidianas.

A fissura que o humor provoca se estabelece na instabilidade das relações sociais. O estudo sobre essas relações possibilita a formulação de sentido. Dentro desse espaço regido pela razão, Teixeira (2005) afirma que o humor

desvenda o que a razão encobre, sendo assim, para ela, duplamente negativo: *primeiro porque desarruma a sensatez dos costumes, segundo porque torna frágil o que se supõe seguro, e visível o que se quer oculto* (p.35, grifo nosso).

O humor como acontecimento, portanto, se torna ação contraditória à razão em dois sentidos: desestabiliza verdades/valores e assume a incerteza e fragilidade. A linguagem humorística está impregnada do contraditório, é a arena onde os sentidos convivem e podem se revelar como deslocamento de sentidos.

Essa prerrogativa da seriedade que a razão passa a exercer sobre a verdade começa a se estabelecer a partir do século XVII, citando Foucault, Teixeira (2005, p.36) explica:

Para Michel Foucault, a partir do século XVII o discurso da ciência e suas respectivas práticas se organizam em função de dispositivos, circunstâncias históricas e suportes institucionais que, desde então, não cessam de se impor, se deslocar e se intercambiar. Segundo ele, um vasto e complexo sistema de interdição e exclusão nasce a partir de novos discursos de saber, gerando práticas manipuladas pela razão e o poder. A partir desse século, [...] a linguagem assume novas significações, um estatuto diverso daquele que possuía até então [...] tornando-se autônoma, soberana, capaz de representar a si própria, sem qualquer relação com o mundo.

A partir dessas mudanças, tem como forma de representar a realidade os conteúdos nos quais apresentam uma relação intrínseca com a verdade, como ressalta Teixeira (2005, p.38) “a razão e a linguagem incorporam a seriedade como condição de veracidade das verdades que enunciam”.

Teixeira apresenta essas reflexões para nos mostrar como esse processo, em que temos a razão, a verdade e a seriedade como critérios de produção e validade do conhecimento, contribuiu para colocar o humor em um espaço marginalizado. Na ordem da razão o humor produz a desordem (TEIXEIRA, 2005). Ainda segundo o autor:

Para ela [razão], o humor, tanto quanto a loucura, são discursos *sem* razão, práticas *sem* verdade. Em consequência, o discurso do saber sobre a realidade – avalizado pela razão – exclui o louco da sociedade porque ele ri *no* mundo, do mesmo modo que exclui o humor porque ele ri *do* mundo (TEIXEIRA, 2005, p. 40, grifo do autor).

É designado ao humor¹², desse modo, no que se refere à ordem dos discursos e as hierarquias dos saberes, um lugar socialmente subalterno e secundário, fazendo com que o humor, dentro desse espaço em que o sistema de verdades é estabelecido, perca a prerrogativa de se pronunciar, sobre o mundo, a sociedade e os sujeitos (TEXEIRA, 2005).

Mas o humor se manteve resistente a essas adversidades, sobre essa questão, Minois (2003) afirma: “O grande assalto contra o riso nos séculos XVII e XVIII fracassou. O riso não apenas não morreu como nem sequer recuou” (p.364). Segundo o autor, o riso coletivo e social continua a ressoar sua forma de ver o mundo, mas de uma maneira transformada, não tanto pelas críticas, mas devido à própria evolução cultural e global.

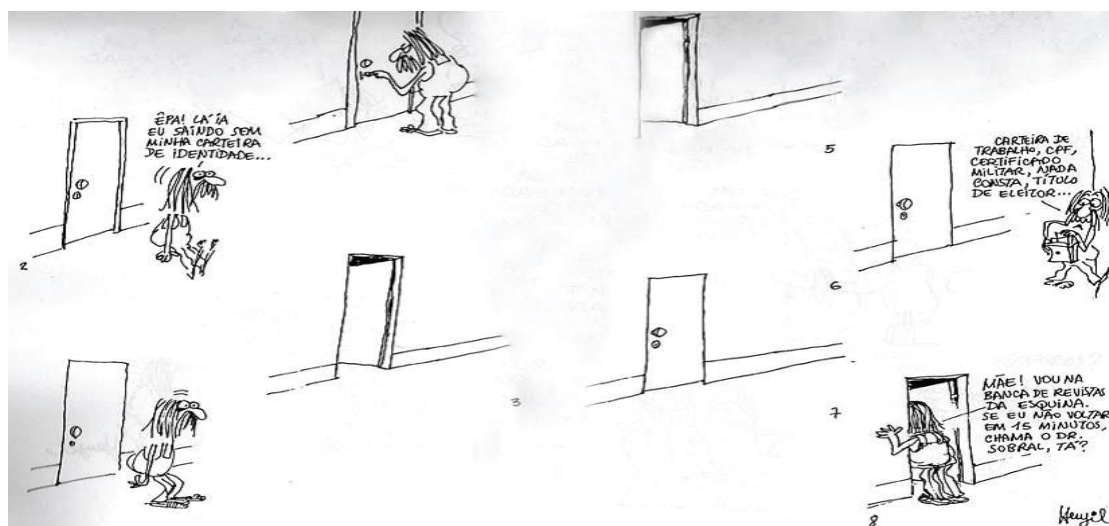
Essa resistência do humor pode ser observada no mundo contemporâneo em que a produção do humor prevalece de forma persistente e inovadora. Dentro de qualquer contexto social e histórico terá espaço para o riso porque ele é inerente ao homem. A produção do humor é um olhar aguçado para o mundo social no qual são produzidos discursos sobre a sociedade e sobre os sujeitos desse mundo, estabelecendo uma significação desse real.

Essa criticidade que há no humor e sua relação com contexto social e histórico pode ser evidenciado, por exemplo, nas charges que circularam no período da ditadura no Brasil. Vejamos a seguir uma dessas charges¹³ produzida por Henfil, cartunista brasileiro:

¹² Ao trazer essa discussão sobre humor, mostrando a negatividade em relação ao humor dentro desse espaço da racionalidade, Teixeira (2005) faz uma ressalva. Segundo o autor, “Na Antiguidade, na Grécia ou em Roma, na Idade Média e no Renascimento, tempos em que a razão não havia ainda espalhado certezas pelo mundo, o humor como produtor de veículo de verdade ocupa um espaço central no cotidiano da sociedade” (TEXEIRA, 2005, p. 50).

¹³ É importante ressaltar que essa charge não faz parte do *corpus* de análise desta pesquisa. Por retratar o cenário da ditadura no Brasil, ela foi selecionada com o objetivo de exemplificar a utilização do humor como um registro de uma memória social e histórica. Produzida pelo cartunista brasileiro Henfil, a charge foi publicada no 9 de novembro de 1977 na ISTOÉ, nº46, p.98. Informação disponível em: <<https://maranauta.blogspot.com/2011/11/relembrando-tracos-e-cartas-que.html>>. Acesso em: 15 de mar. 2019.

Figura 1 - Charge produzida no período da Ditadura Militar¹⁴



Fonte: Página do E¹⁵

Nessa charge, temos o personagem Ubaldo criado pelo cartunista brasileiro Henfil no período da ditadura militar. Esse personagem tem como característica o medo e o receio de ser preso pelos militares, pois era um período em que muitas pessoas eram presas e mortas. Através das atitudes exageradas de Ubaldo, Henfil reflete a censura e a repressão que o Brasil estava passando naquele período e, ao mesmo tempo, ironizava a temeridade das pessoas e o conformismo diante de tantos absurdos. Assim, essa charge mostra o receio de Ubaldo em sair de casa para fazer atividades simples, como ir à banca de revista. A violência e a opressão dos militares o afligia, por isso, ele sentia a necessidade de levar consigo tudo que pudesse comprovar que era um cidadão dentro das leis. E mesmo levando vários documentos, no final ainda faz um pedido à mãe para chamar o Dr. Sobral¹⁶ caso não voltasse em 15 minutos. Assim, podemos entender que o humor, nessa charge,

¹⁴ Transcrição da linguagem verbal: “Épa! Lá ia eu saindo sem minha carteira de identidade.../ Carteira de identidade, CPF, certificado militar, nada consta, título de eleitor.../ Mãe! Vou na banca de revistas da esquina. Se eu não voltar em 15 minutos, chama o Dr. Sobral, tá?”.

¹⁵ Disponível em: <<https://paginadoenock.com.br/jose-orlando-muraro-mesmo-com-jose-riva-solto-tem-leao-miando-que-nem-gatinho-tem-galo-que-virou-franga-a-taca-foi-geral-riva-silval-mauro-mendes-blairo-maggi-tem-empresario-graudo-tranca/>>. Acesso em: 15 de mar. 2019.

¹⁶ Heráclito Fontoura Sobral Pinto, o Dr. Sobral, foi um jurista brasileiro, com experiência em dois golpes de Estado, o de Vargas e de 1964. Em ambos, ele dedicou seu trabalho a defender os perseguidos políticos e fazer críticas pesadas ao regime arbitrário, apesar de inicialmente ter sido a favor do golpe de 1964 por se dizer anticomunista. Disponível em: <<https://maranauta.blogspot.com/2011/11/relembrando-tracos-e-cartas-que.html>>. Acesso em: 15 de mar. 2019.

se estabelece com o enusitado, pois no início ele diz apenas que iria sair, só depois, no final, Ubaldo revela que sua saída será para uma banca de revista, provocando, assim, o riso pelo o elemento surpresa, pela quebra de expectativa.

Essa charge pertence a um contexto histórico-social específico, por isso, sua importância para pensarmos na relação do humor com a sociedade da qual ele faz parte, como os fenômenos linguístico-discursivos, que se manifestam através do humor, reflete e refrata uma outra realidade, como defende Volóchinov (2017) que, ao falar do fator ideológico pertencente à palavra, afirma que a palavra é um signo ideológico fruto do mundo exterior, das relações sociais que reflete e refrata outra realidade, os embates ideológicos.

Do mesmo modo, podemos pensar nas manifestações linguístico-discursivas do humor, pois elas não apenas refletem a realidade, mas também dão novos significados, ressignificam essa realidade e estabelecem novos sentidos, como acontece nas charges que circularam no período da ditadura militar do Brasil, são produções que, pelo viés do humor, trazem uma reflexão daquela realidade, mas ao mesmo tempo intensificam e produzem novos sentidos.

Essa relação do humor com o social, já defendida por Bergson (2001), também é ressaltada por Beth Brait em seu texto *Percursos e Percalços do estudo da ironia* (2008). Nesse sentido, Brait (2008) afirma que a construção e recepção do humor revelam momentos de uma dada cultura e uma dada sociedade:

As formas de construção, manifestação e recepção do humor, configurado ou não pela ironia, podem auxiliar o desvendamento de momentos ou aspectos de uma dada cultura, de uma dada sociedade. O deslindamento de valores sociais, culturais, morais ou de qualquer outra espécie parece fazer parte da natureza significativa do humor (p. 15).

Assim, podemos compreender que ao analisarmos essa charge de um determinado período histórico¹⁷ de uma determinada sociedade, por exemplo, também estamos conhecendo os aspectos políticos e valores culturais, sociais de tal sociedade.

¹⁷ Nesse período, ainda podemos observar letras de músicas que refletiam essa problemática, o medo que as pessoas tinham da polícia e de sair de casa e não voltar. Podemos citar como exemplo a canção *Acorda amor*, de Chico Buarque na qual o músico ironiza e protesta contra as situações vividas daquele período, como podemos observar nos versos a seguir: “Se eu demorar uns meses/ Convém, às vezes, você sofrer/ Mas depois de um ano eu não vindo/ Ponha a roupa de domingo/ E pode me esquecer”.

3.3 Ironia

A ironia é recurso constantemente utilizado na construção do humor e se faz muito presente nas charges. Desse modo, buscaremos apresentar, nesta seção, algumas discussões teóricas em torno na ironia.

A ironia é definida por dicionários e muitos manuais de gramática como um “Modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo”¹⁸ ou como uma figura de linguagem que “Consiste na inversão de sentido: afirma-se o contrário do que se pensa, visando a sátira ou à ridicularização” (PASCHOALIN, 2014, p.439). Mas quando nos debruçamos a estudar a ironia, percebemos o quanto o estudo e a aplicação da ironia são amplos e nos impedem que se tenha uma definição fechada e acabada sobre ela.

Brait (2008), em sua obra *Ironia em perspectiva polifônica*, recorrendo a vários autores desde Aristóteles a Bergson, apresenta uma diversidade de definições que podem ser atribuídas à ironia, tanto no que diz respeito à dimensão filosófica quanto linguística.

Nesse panorama, Brait (2008) busca compreender a perspectiva discursiva da ironia e “como o procedimento irônico multiplica suas faces e suas funções, configurando diversas estratégias de compreensão e representação do mundo” (BRAIT, 2008, p. 13). Assim, podemos compreender que tanto o humor como o processo irônico possibilitam uma compreensão e uma representação de mundo dentro de uma dimensão discursiva da linguagem. Nessa perspectiva, Brait (2008, p.17) afirma que

Parece possível, a partir do instrumental oferecido por algumas linhas da análise do discurso, flagrar a ironia como categoria estruturadora de texto, cuja forma de construção denuncia um ponto de vista, uma argumentação indireta, que conta com a perspicácia do destinatário para concretizar-se como significação.

Desse modo, podemos entender que os efeitos de sentidos produzidos através da ironia necessitam da cooperação dos participantes da interação para serem compreendidos, pois esse jogo de sentidos não se estabelece apenas nas palavras e nos recursos visuais utilizados, mas também depende que o interlocutor compreenda essa construção de sentido, como afirma Romualdo (p.89), “Distinguir locutor de enunciador permite explicitar o aspecto paradoxal da ironia, pois o locutor

¹⁸ Dicionário Aurélio.

é responsável somente pelas palavras e não pelos pontos de vista”. Dessa forma, quando os cartunistas utilizam o recurso da ironia para a construção do humor na charge, por exemplo, expondo, através da linguagem verbal e não verbal, sua visão e crítica em relação aos acontecimentos sociais, essa ironia pode não ser percebida ou compreendida pelo o interlocutor, como também, ele pode ter uma compreensão diferente da crítica pensada pelo o cartunista.

Alavarce (2009) argumenta que a ironia, a paródia e o riso são discursos caracterizados pela ambiguidade. Dessa maneira, conforme a autora, essas modalidades veiculam suas “verdades”, propõem sempre um ponto de vista, mas não forma explícita, os discursos promovidos pela a ironia, a paródia e o riso são resultados de uma tensão inerente a esses discursos. Dessa forma, Alavarce (2009, p.11), afirma:

Nesse sentido, existe um embate de vozes dissonantes na estrutura da ironia, da paródia e, ainda, do riso, entendido na presente investigação como fruto de uma incongruência entre o “pensado” e a “realidade concreta”. Para compreender a mensagem ou as ideias veiculadas por essas modalidades de discurso, o sujeito deve perceber a existência de vozes que se chocam na estrutura desses textos. Essa é, indubitavelmente, a condição fundamental para a concretização da ironia, da paródia e do riso. Sem a participação do sujeito na construção do sentido, essas categorias não existem – pelo menos não enquanto “ironia”, “paródia” e “riso”. Logo, à medida que convidam o sujeito para colaborar na construção do sentido, esses discursos são vias para instaurar um movimento de reflexão e, conseqüentemente, de ampliação do conhecimento e da percepção crítica.

Assim, podemos compreender que a natureza contraditória dos discursos irônicos convida o sujeito a participar dessa construção e jogo de sentido em situações de comunicação que envolve a ironia, e essa abertura possibilita que ocorra uma ampliação dos efeitos de sentidos e acesso a outras realidades e visões de mundo. Nesse raciocínio, a autora afirma que o leitor é convocado a participar de forma efetiva, acionando seu conhecimento de mundo, da construção de sentido de textos que são caracterizados pela ambiguidade, pelo paradoxo, pela contradição e pela incongruência. Desse modo, podemos entender que o discurso irônico exige do leitor um olhar mais atento, pois o texto que se manifesta pelo viés da ambiguidade possibilita que os discursos produzidos tenham uma ampla produção de sentido.

Esse olhar atento e essa vasta produção de sentido estabelece pontos de encontro entre a ironia e o humor, pois são linguagens que tem como princípio os jogos de sentidos. Nesse sentido, Oliveira (2008) afirma que

A ironia e o humor podem ser considerados como atitudes comunicativas muito similares, que, em certas ocasiões, podem se combinar e se complementar em um mesmo enunciado. Pode-se afirmar que tanto a linguagem humorística quanto a irônica têm como princípio básico os jogos de sentido, porque essas duas linguagens são capazes de propiciar prazer aos participantes da interação, além do que são recursos que permitem ao locutor dizer implicitamente o que não poderia ser dito explicitamente (p.14).

Desse modo, torna-se imprescindível perceber que essa ambiguidade, a duplicidade e o jogo de sentidos que são aspectos caracterizadores do discurso irônico, também caracterizam e estão presentes no humor. Podemos entender, portanto, que o humor e a ironia se complementam para estabelecer o jogo e a construção de sentido em diversas situações de comunicação que envolve o cômico, o riso.

4. O GÊNERO DISCURSIVO, CHARGE E HUMOR GRÁFICO

Nesta seção, apresentaremos discussões sobre o gênero discursivo, o percurso do humor gráfico na imprensa e, por fim, as particularidades do gênero charge.

4.1 O gênero discursivo

Os gêneros discursivos correspondem às diferentes formas de utilizarmos a linguagem para nos comunicar, seja em situações formais ou informais, orais ou escritas. Os gêneros possuem características próprias e, assim, diferenciam-se uns dos outros de várias maneiras – pelos temas abordados, estilo verbal, estrutura etc. Como afirma Bakhtin (2011, p.261):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos [...]. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de determinado campo da comunicação.

Ainda conforme Bakhtin (2011), a utilização da língua, de acordo com cada campo, elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, que poderíamos chamar de gêneros do discurso, uma forma-padrão relativamente estável no que diz respeito a estruturação dos enunciados, que são social e historicamente determinados. Segundo Bakhtin (2011), nossa comunicação, seja através da escrita ou da fala, materializa-se através dos gêneros do discurso e

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Ainda segundo Bakhtin (2011), “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero discursivo*” (p.282, grifo do autor), temos, assim, um infindável repertório de gêneros, seja em conversas formais ou informais, o discurso é moldado pelo o gênero em uso. Esses gêneros, de acordo com Bakhtin (2011, p. 282), “nos são dados quase da mesma forma com que nos é

dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”. Prossegue o autor,

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos um discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. (BAKHTIN, 2011, p. 283)

Podemos compreender, então, que da mesma forma que aprendemos a língua materna antes de estudá-la formalmente, isso também acontece com o uso do gênero, pois eles são introduzidos em nossa forma de comunicação muito cedo, a própria língua sempre está inserida em um determinado gênero, aprendemos a falar dentro de uma determinada forma e essa forma é gênero que estabelece, como afirma Fiorin (2018, p.69), “Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades”.

Nesse sentido, Marcuschi (2008) afirma que a comunicação verbal sempre se realiza por meio de algum gênero e, quando dominamos um gênero textual, dominamos, na verdade, uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. Assim, a escolha de um gênero no processo comunicativo está relacionada com a situação e o contexto de produção e, também, com sua finalidade.

Para Bakhtin (2011), estudioso da linguagem e da estreita relação entre linguagem e história, a comunicação verbal se dá no processo de interação entre o locutor e o ouvinte. Nesta perspectiva, o locutor não está sozinho na interação verbal, tem-se nesse processo, um interlocutor que não é passivo, não se limita, simplesmente, a compreender o locutor, mas tem uma atitude responsiva ativa, ou seja, sempre irá se posicionar diante do discurso do outro. Assim, para esse teórico,

o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. (BAKHTIN, 2011, p.274).

Dessa maneira, Bakhtin mostra como as relações entre linguagem e sociedade são inseparáveis e como formas relativamente estáveis de enunciado formam gêneros discursivos. Segundo Fiorin (2018), o ponto de partida de Bakhtin ao estudar os gêneros “é o vínculo intrínseco existente entre a utilização da

linguagem e as atividades humanas. Os enunciados devem ser vistos na função no processo de interação” (p.68).

Segundo Bakhtin (2011), há uma grande heterogeneidade dos gêneros discursivos o que dificulta definir a natureza geral do enunciado, dessa forma, ele estabelece uma distinção entre gêneros primários (simples) e secundários (complexos). De acordo com Bakhtin (2011),

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (p. 263).

Fiorin (2018) explica que os gêneros primários são, predominantemente, orais e pertence a vida cotidiana, como a piada, a conversa, chat etc., pertencentes à comunicação verbal espontânea, eles possuem uma relação direta com o contexto imediato. Já os secundários, possuem uma formação mais complexa, são gêneros, predominantemente, escritos, como o sermão, o editorial, o romance, artigos científicos, e pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada, como a ciência, a política, a religião. Para Fiorin (2018),

Os gêneros são meios de apreender a realidade. Novos modos de ver e de conceptualizar a realidade implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes. Ao mesmo tempo, novos gêneros ocasionam novas maneiras de ver a realidade. A aprendizagem dos modos sociais de fazer leva, concomitantemente, ao aprendizado dos modos sociais de dizer, os gêneros (p.76).

Desse modo, sendo uma forma de apreender a realidade, os gêneros moldam-se para acompanhar as mudanças no âmbito da linguagem, trazendo novos modos de dizer e de retratar a realidade. Assim, como afirma Fiorin (2018), o gênero estabelece uma união entre estabilidade e instabilidade, ao mesmo tempo em que possui seu aspecto permanente, estável, há também a instabilidade que permite ao gênero reconfigurar e adaptar suas formas as novas circunstâncias.

Podemos considerar, nesse sentido, que a charge, *corpus* de análise desta pesquisa, é um tipo de gênero que, devido ao desenvolvimento das novas tecnologias e o advento da internet, vem se reconfigurando por meio de desenhos mais elaborados, utilização de cores, diferentes recursos para representar a fala, mas, apesar disso, conserva certa regularidade como, por exemplo, o uso da

imagem que permanece fixo na construção da charge, sendo um elemento caracterizador desse gênero. Dessa forma, a charge, assim como outros gêneros discursivos, possui particularidades que o constitui enquanto gênero discursivo, ou seja, dentro da perspectiva bakhtiniana, são tipos de enunciados relativamente estáveis.

Após essas reflexões, apresentaremos, no próximo tópico, a trajetória do humor gráfico na imprensa, buscando entender o surgimento das charges, tiras, caricaturas e a história da charge.

4.2 Humor gráfico na imprensa

Nos jornais impressos ou digitais é comum encontrarmos, atualmente, diversas ilustrações fazendo parte da constituição desse meio de comunicação. Dentro desse espaço, temos vários gêneros do humor gráfico, como as tiras, as charges, caricaturas que ganharam bastante expressividade devido ao desenvolvimento da imprensa e das técnicas de impressão.

De acordo com Santos (2012), foi a partir do início do século XVIII que os jornais passaram a veicular em suas páginas os gêneros característicos do humor gráfico: ilustrações, caricaturas, charges políticas, cartuns etc. Mas, de acordo com Romualdo (2000), as caricaturas e as charges já eram utilizadas como um método de persuasão antes mesmo do surgimento da imprensa, nos Estados Unidos, por exemplo. Segundo este autor,

Mesmo antes de acompanharem as notícias de fatos políticos nos jornais, de ilustrar comentários e atitudes editoriais, elas circulavam entre os americanos sob a forma de folhetos, impressos muitas vezes em papel ruim e fino. Essas caricaturas tiveram início antes da Revolução que libertou os Estados Unidos da Inglaterra. Paul Revere concorreu para fazer deflagrar a rebelião americana contra a Inglaterra com desenhos impressos em folhetos e distribuídos pelas colônias. Esses folhetos mostravam uma situação corrente de um ponto de vista intensamente parcial. Acredita-se que Revere tenha desenhado alguns deles e copiado outros de folhetos ingleses, atribuindo-lhes novos títulos para adaptá-los à situação local. A possibilidade de cópia e adaptação, por parte de Revere, não desmerece a importância das caricaturas (e das charges) como textos críticos e persuasivos (ROMUALDO, 2000, p. 23).

Ainda segundo Romualdo (2000), o aspecto crítico das charges e caricaturas ganhou espaço nos jornais com história em quadrinhos do Menino Amarelo (Yellow Kid), desenhada por Richard Fenton Outcault, publicada no jornal americano New

York World, em 1895. Tal publicação inaugura, oficialmente, o gênero quadrinhos no jornal impresso, como afirma Lucchetti (2001, p. 1):

De gênero humorístico e realizada na forma de painéis semanais - às vezes, esses painéis enchem uma página do jornal -, Down Hogan's Alley é de grande importância para a História em Quadrinhos, pois deu origem àquela que muitos historiadores e pesquisadores dos Quadrinhos consideram a primeira história em quadrinhos do mundo: O Menino Amarelo (The Yellow Kid, no original). (LUCCHETTI, 2001, p. 1)

Essa iniciativa deu espaço e contribuiu para o desenvolvimento das charges e caricaturas no jornal impresso. De acordo com Romualdo (2000, p.24), “O uso de desenhos e caricaturas como meio de mostrar os fatos, e até mesmo criticá-los, também marca sua história na França”. Segundo o autor, foi com a revolução de 1789 que o desenho e a caricatura ganharam impulso no jornalismo francês. De acordo com Santos (2012, p. 76), “As publicações francesas que circulavam durante a Revolução apresentavam caricaturas depreciando os membros aristocratas”.

Já no Brasil não há um consenso entre os pesquisadores sobre o início do uso da caricatura como desenho impresso, pois antes mesmo de se veicular em jornais, as caricaturas eram vendidas de forma avulsa (SANTOS, 2012). Contudo, a publicação da caricatura do político Justiniano José da Rocha, produzida pelo o pintor e poeta Manoel de Araújo Porto-Alegre, em 14 de dezembro de 1837, é considerada a primeira caricatura publicada no Brasil (ROMUALDO,2000; SANTOS, 2012).

Figura 2 - Primeira caricatura publicada no Brasil



Fonte: Blog do Gutemberg¹⁹

¹⁹ Disponível em: < <http://blogdogutemberg.blogspot.com/2011/07/primeira-charge-brasileira.html>>. Acesso em: 22 de jun. 2019.

Exibida pelo Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, nº277, essa caricatura foi produzida como forma de criticar às propinas recebidas por um funcionário do governo relativas ao Correio Oficial²⁰. Tal fato é considerado o primeiro passo para que a caricatura começasse a fazer parte da imprensa do Brasil. Sobre esse aspecto, Lago (1999, p.12) ressalta que

é só a partir de 1837, data da primeira caricatura de Porto-Alegre, e sobretudo em 1844, quando o mesmo Porto-Alegre fundou a *Lanterna Mágica*, que a caricatura passa a confundir-se com a história da imprensa no Brasil. De fato, na falta de lustração fotográfica, os jornais ilustrados pelos os principais artistas litográficos da época, quase todos caricaturistas de talento, desempenharam um papel importante, tornando a notícia mais atraente e popularizando as feições das principais personalidades do tempo. A partir de 1860, e sobretudo 1870, os jornais satíricos passaram a ser um dos principais veículos de informação e suas tiragens atestam o sucesso da fórmula (*apud* SANTOS, 2012, p.79).

Diante desse percurso do humor gráfico no jornal impresso que foi apresentado, percebemos que o espaço e expressividade conquistados pela a ilustração impressa e, em especial, o humor gráfico, está ligado ao crescimento e a importância que a imprensa adquiriu na sociedade. Vale ressaltar que os textos e as imagens, veiculados pela imprensa, preservam a memória dos acontecimentos, fornecendo um conteúdo informativo e de grande importância para a compreensão da história e da sociedade humana (SANTOS, 2012). Nesse sentido, Fonseca (1999, p. 13 *apud* SANTOS, 2012, p.77) afirma:

Ninguém pode negar a importância do desenho humorístico na imprensa, seja como documento histórico, como fonte de informação social e política, como termômetro de opinião, como fenômeno estético, como expressão artística e literária ou como simples forma de diversão e passatempo.

No entanto, é imprescindível considerar que “O acontecimento só significa enquanto acontecimento em discurso. O acontecimento significado nasce num processo evenemencial que, como vimos, se constrói ao término de uma mimese tripla. É daí que nasce o que se convencionou chamar de notícia (CHARAUDEAU, 2015, p. 133).

Portanto, podemos afirmar que, assim como a imprensa, o humor gráfico também compõe a narrativa histórica da humanidade constituindo-se como um importante registro dos principais acontecimentos dessa trajetória. Ao reconhecermos a importância que o humor gráfico exerceu e ainda hoje exerce na

²⁰ Disponível em: < <http://blogdogutemberg.blogspot.com/2011/07/primeira-charge-brasileira.html>>. Acesso em: 20 de nov. 2019.

construção da narrativa histórica e na construção de nossa compreensão de mundo, percebemos a necessidade de investigar sua amplitude, ao menos, no que diz respeito à linguagem humorística e a interpretação de mundo realizada através do humor.

4.3 A charge

A origem do nome charge deriva do francês *charge*²¹ que significa carga, exagero e ataque violento. Fazendo jus a essa definição de atacar, as charges são textos que têm por finalidade promover uma reflexão crítica sobre os acontecimentos sociais, como afirma Teixeira (2005, p.11), “A charge é um desenho de humor que estrutura sua linguagem como reflexão e crítica da realidade”. No entanto, o autor ressalta que “a proposta da charge não é registrar o real, mas significá-lo” (TEIXEIRA, 2005, p.11). Assim, as charges, utilizando-se da linguagem verbal e não verbal, não reproduz um registro fiel da realidade, mas retratam os fatos políticos e sociais, denunciando e trazendo seu olhar crítico sobre os fatos do cotidiano, significando essa realidade, produzindo novos sentidos desse real.

A charge, que possui uma forma singular de olhar para os fatos, produz sentidos a partir dos acontecimentos políticos e dos diferentes dizeres, dialogando com outros discursos e outros contextos históricos, expondo, através do humor, sua visão crítica sobre os eventos políticos e sociais, pois, como afirma Costa (2013, p. 27), “A crítica e o humor são elementos fundamentais dentro do gênero charge”. Tais aspectos se fazem presentes nas charges que retrataram o *impeachment* de Dilma, pois não há nessas charges o propósito de registrar o real, mas os chargistas procuram produzir e revelar novos sentidos desses acontecimentos. Nesse sentido, Teixeira (2010, p.96) afirma que

A charge engloba o verbal e o não-verbal como reforçadores na produção dos efeitos de sentido. Focalizando frequentemente a política, a charge pode apresentar-se em um único quadro ou em mais cenas com escritas representando as falas dos personagens em balões ou até mesmo sem nenhuma representação da escrita, apenas a imagem falando por si mesma.

O tema do desenho pode ser pautado por notícias reportadas de forma verbal, visual ou verbal-visual. Assim, segundo Teixeira (2010, p.95), “a charge retrata uma realidade mais específica, presa a determinados fatos, geralmente

²¹ Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/charge>. Acesso em: 03 de mar. 2019.

políticos e de conhecimento público”. De acordo com Ramos (2012), a charge é um texto de humor que recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual. Os políticos brasileiros costumam ser grande fonte de inspiração para a produção das charges, por isso, elas costumam aparecer na parte de política ou de opinião dos jornais, afirma o autor. Assim, o gênero charge possibilita tanto analisar os fenômenos linguístico-discursivos da linguagem humorística, como também analisar de que maneira o humor é utilizado enquanto ferramenta crítica da realidade.

Segundo Romualdo (2000), a relação intertextual é um dos elementos constituintes da charge. Desse modo, ao tentarmos compreender os sentidos de uma charge, é importante saber que ela estabelece relações com outros textos ou discursos presentes no próprio jornal e, também, fora dele, ou seja, a charge promove sua reflexão sobre a realidade a partir dos acontecimentos sociais e dos discursos produzidos em torno desses acontecimentos.

Ao fazer essa intertextualidade com os acontecimentos políticos, a charge traz uma reflexão crítica da realidade, ao mesmo tempo em que atualiza o leitor sobre o que está acontecendo no cotidiano, ela também contribui para que o leitor reflita sobre esses fatos, questionando-se, posicionando-se. O humor na charge, desse modo, exerce seu potencial crítico, satirizando e desmitificando personagens popularmente conhecidos e fazendo críticas ao contexto social e político. De acordo com Romualdo (2000, p. 204),

A polifonia, a ambivalência e o humor do texto chárstico fazem com que ele afirme e negue, eleve e rebaixe ao mesmo tempo, obrigando o leitor a refletir sobre fatos e personagens do mundo político, uma vez que põe a nu aquilo que está oculto por trás deles. Assim, a charge se mostra como um poderoso instrumento de crítica, devendo ter lugar privilegiado nas instituições jornalísticas que defendem o discurso pluralista.

As particularidades do gênero charge nos faz compreendê-lo como um gênero multifacetado, porque além de sua hibridez em sua composição, com o uso da linguagem imagética e a linguagem verbal, dialoga com a pluralidade do discurso jornalístico, tendo, portanto, uma linguagem polifônica e dialógica (BAKHTIN, 2011).

Devemos também considerar a charge como um texto que, por ter a imagem como elemento principal em sua composição, torna-se mais atrativo para o leitor, uma vez que a imagem e os recursos visuais, na sociedade contemporânea, estão ocupando um lugar de relevância e de destaque no mundo da comunicação, pois se

tem, nessa forma de comunicação, a possibilidade de uma leitura rápida e o contato com diversas informações e opiniões de forma condensada. Sobre esse aspecto, Romualdo (2000) declara:

Para nós, a ilustração acentua a leveza da página editorial por quebrar visualmente a distribuição compacta dos textos escritos na página do jornal, ou, no caso das charges e caricaturas, por provocar, pelo humor, o riso. Se pensarmos em termos de conteúdo, uma charge ou uma caricatura podem ser muito mais densas do que outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial. O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos (ROMUALDO, 2000, p. 27).

Dessa forma, Romualdo (2000) ressalta que a charge não deve ser confundida com um texto simplório e de rasas reflexões, ela pode ser um texto denso no qual os chargistas expõem neles suas opiniões, suas críticas a personagens e fatos políticos. Nesse sentido, Dolabella (2007, p. 267) define a charge como um gênero icônico-verbal que usa

imagem e palavras, que são interdependentes na produção de sentido. Isso quer dizer que, para interpretar uma charge, ou um cartum, o leitor precisa de ferramentas como leitura de imagens, conexão entre textos verbal e não-verbal e contextualização. Isso não significa que basta o que está grafado no papel, seja imagem seja palavra, para entender esse tipo de texto.

Ainda para o autor, considerando o grau de complexidade que há no processo enunciativo-discursivo do humor gráfico, para que possa haver algum nível de compreensão e construção de sentido de uma charge ou cartum, é necessário que o leitor possua referências do contexto sócio-histórico em que o cartum ou a charge estão inseridos, pois a conjuntura em que foi produzida e a percepção do efeito humorístico contido é parte de um evento de comunicação específico (DOLABELLA, 2007).

Essas conexões e associações que o leitor necessita fazer para compreender, de alguma forma, o jogo de sentidos presentes na charge, revela-nos que a charge não pode ser vista como um texto de simples compreensão com o objetivo de entreter ou apenas como uma ferramenta de informação, é necessário compreendermos que a charge vai além de uma função ilustrativa, ela “se constitui como realidade inquestionável no universo da comunicação e da arte, dentro do qual não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão” (AGOSTINHO, 1993, p. 229 *apud* MIANI, 2012, p. 40).

Desse modo, a charge é um gênero que, através do humor, dos seus elementos visuais e verbais, compõe uma encenação discursiva que reflete e significam os acontecimentos políticos e sociais. Após essas reflexões, apresentaremos na próxima seção a abordagem metodológica na qual está fundamentada esta pesquisa.

5. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos o percurso teórico-metodológico que serviu de base para esta pesquisa. Inicialmente, abordaremos sobre a pesquisa qualitativa, mostrando sua importância e relação com os estudos desenvolvidos na Linguística Aplicada. Em seguida, faremos uma contextualização da pesquisa, apresentamos informações sobre o *corpus* da pesquisa, o processo de pré-seleção e seleção final das charges relacionadas ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff que irão fazer parte da análise final deste trabalho.

5.1 A Linguística Aplicada e a pesquisa qualitativa

Situado no campo da Linguística Aplicada (LA), por sua interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento e por sua concepção de língua que concebe a linguagem como histórica, social e dialógica, sendo construída do meio social e das relações sociais, este trabalho compreenderá a linguagem em processo, sempre em construção e dentro de um contexto histórico. Sobre esse aspecto, Celani (2000 *apud* SOARES, 2008, p.2) afirma que:

A LA como área de conhecimento é vista hoje como articuladora de múltiplos domínios do saber, em diálogo constante com vários campos que têm preocupação com a linguagem. Tendo em vista que a linguagem permeia todos os setores de nossa vida social, política, educacional e econômica, uma vez que é construída pelo contexto social e desempenha o papel instrumental na construção dos contextos sociais nos quais vivemos, está implícita a importância da LA no equacionamento de problemas de ordem educacional, social, política e até econômica.

A LA compreende, assim, a linguagem como prática social, pois, como afirma Fabricio (2006, p. 48), “ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva” e, do mesmo modo, devemos compreender que as nossas práticas discursivas não são neutras, envolvem escolhas políticas e ideológicas, seja intencionais ou não (FABRICIO, 2006).

É partindo dessa perspectiva de linguagem, enquanto prática social, histórica e ideológica, que esta pesquisa encontra espaço na LA, pois é uma pesquisa que se propõe trazer uma reflexão sobre a linguagem, especificamente, sobre os discursos produzidos no universo do humor que estão ligados às relações humanas, à

sociedade, como afirma Brait (2008), o humor desvela os valores sociais, a cultura de uma determinada sociedade.

É importante ressaltar que a investigação desta pesquisa dialoga com a perspectiva da LA por não se preocupar em resolver ou solucionar problemas, pois, como afirma Moita Lopes (2006), a LA é uma ciência social que tem como enfoque as questões de uso da linguagem e que se diferencia das pesquisas positivistas por não tentar

encaminhar soluções ou resolver os problemas com que se defronta ou constrói. Ao contrário, a LA procura problematizá-los ou criar inteligibilidades sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de usos da linguagem possam ser vislumbradas. Havia nessa perspectiva uma simplificação da área, então entendida como lugar de encontrar soluções para problemas relativos ao uso da linguagem, apagando a complexidade e efemeridade das situações de uso estudadas, que não, necessariamente, se replicam da mesma forma, o que impossibilita pensar em soluções (MOITA LOPES, 2006, p.20).

Outro aspecto importante da LA que se faz presente nesta pesquisa é o caráter interdisciplinar, pois, uma vez que nos propomos refletir sobre o humor nas charges que retrataram o *impeachment* da presidenta Dilma, o contato com outras áreas do conhecimento como: filosofia, história, análise do discurso, por exemplo, é algo imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho. Dessa maneira, compreendemos, assim como aponta Moita Lopes (2006, p.96), que:

Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social etc. A chamada “virada discursiva” tem possibilitado a pesquisadores de vários outros campos estudar a linguagem com entrevistas muito reveladoras para nós. Parece essencial que a LA se aproxime de áreas que focalizam o social, o político e a história. Essa é, aliás, uma condição para que a LA possa falar à vida contemporânea.

Moita Lopes (2006) vai chamar esse diálogo ou interdisciplinaridade entre a LA e as teorias do campo das ciências sociais de LA de atuação híbrida ou mestiça, ressaltando que as pesquisas em LA cada vez mais estão se apoiando em outras disciplinas para a compreensão das questões de uso da linguagem.

Na LA é ressaltado também o compromisso ético que se deve ter ao fazer pesquisa. Nesse sentido, Fabrício (2006) ressalta a importância em pensar em agenda política e ética nessa reconfiguração da LA, adotando uma postura crítica perante a linguagem, uma vez que, “nossas práticas discursivas envolvem escolhas que têm impactos diferenciados no mundo social e nele interfere de formas variadas

(FABRÍCIO, 2006, p. 49). Assim, ao trabalhar com questões de linguagem, não podemos esquecer que estamos intervindo, de alguma forma, na realidade social, pois a linguagem é fruto das relações sociais, do meio social. Nesse aspecto, Souto Maior (2013, p. 45) argumenta que

Ao descrever, analisar e valorar pesquisa sobre a linguagem, o sujeito da academia reestrutura, dialogicamente, os acontecimentos, sem se desprender da responsabilidade de suas ações/palavras. Com isso, há um agir esperado que depende não só do que esse sujeito fala do mundo de ontem e de hoje como também do que ele espera do mundo de amanhã.

Consideramos, desse modo, que o nosso trabalho dialoga com esse compromisso ético da LA, pois trata-se uma pesquisa que visa a colaborar, dentro de uma perspectiva dialógica da linguagem, na problematização das construções de sentidos do humor no gênero charge relacionadas ao acontecimento político do *impeachment* da presidenta Dilma.

Tais discussões versam sobre questões que estão profundamente presentes na contemporaneidade como o humor e os discursos políticos, a charge, a mídia. E essas, por sua vez, são importantes para a compreensão da especificidade e complexidade do humor em relação a sua forma de se posicionar sobre o mundo, sua forma de refletir e produzir sentidos sobre o acontecimento político do *impeachment*, buscando compreender as relações entre linguagem e diversas atividades do fazer humano, considerando os embates políticos e ideológicos nessas relações. A agenda ética também se faz presente, nesta pesquisa, pela possibilidade de renarrar a vida social e tentar compreendê-la (MOITA LOPES, 2006), entendendo, assim como Souto Maior (2009, p.31), que “A responsabilidade de um pesquisador está em reconhecer que seu trabalho reflete e refrata uma ação individual/coletiva que reestrutura o reconhecimento de mundo abrindo para outras formas de conhecimento da vida”.

No próximo tópico, falaremos sobre a abordagem qualitativa que estará presente no desenvolvimento deste trabalho.

5.2 Abordagem qualitativa

Este trabalho será fundamentado em uma abordagem qualitativa, pois considera que há uma relação dinâmica entre o objeto e o sujeito pesquisador, levando em conta no processo de pesquisa não apenas o caráter histórico-cultural

do pesquisador, mas também do próprio objeto (CHIZZOTTI, 2017). Sobre essa questão, Chizzotti (2017), procurando caracterizar e diferenciar a pesquisa qualitativa, afirma que a abordagem qualitativa possui, como fundamento, uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma dependência recíproca entre o sujeito e o objeto, isto é, um vínculo inseparável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O autor ainda reitera que

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que o sujeito concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2017, p. 98).

Sobre a abordagem qualitativa, Freitas (2007) ressalta que a pesquisa realizada em uma abordagem qualitativa deve ser baseada em uma relação entre sujeitos (sujeito pesquisado e sujeito pesquisador). Essa relação entre sujeitos deve ser entendida de uma forma ampla, não se restringindo a uma relação de face a face, mas também a uma relação de texto com o contexto. Nesse aspecto, Freitas (2007, p.30), com base em Bakhtin, expõe:

O acontecimento na vida de um texto sempre se desenvolve na fronteira entre duas consciências, dois sujeitos. Daí que o estudo dos fenômenos humanos se realiza a partir de interrogações e trocas, portanto pelo diálogo. Diálogo compreendido não apenas como uma relação face a face, mas de uma forma mais ampla implicando também uma relação do texto com o contexto. Bakhtin (1985) acena para uma complexa relação entre o texto – objeto de estudo e reflexão – com o contexto na qual se realiza. Assim, o encontro do texto com o contexto, isto é, do que está dado e do que está criando como uma resposta ao primeiro, é por conseguinte, um encontro de dois sujeitos, dois autores.

Nesse sentido, quando decidimos tomar como objeto de estudo um texto, como, por exemplo, as charges, objeto de estudo deste trabalho, e nele observamos os discursos produzidos, mesmo não se tratando de um sujeito concreto, não deixa de ser uma relação entre sujeitos, pois as charges são representações de ideias, opiniões e posicionamentos de um sujeito diante da realidade na qual está inserido. A relação entre os sujeitos, nesse aspecto, revela-se através da relação do texto e seus diversos significados com a reflexão do sujeito pesquisador, sempre levando em conta a perspectiva sócio-histórica de cada um.

Esse posicionamento, dentro da pesquisa qualitativa, dialoga com o posicionamento metodológico interpretativista que defende “o estudo do homem,

levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta mundo em que vive continuamente” (OLIVEIRA, 2008). Ainda segundo Oliveira (2008, n.p):

Os estudiosos que se dedicam a esse tipo de pesquisa são chamados de interpretacionistas e afirmam que o homem é diferente dos objetos, por isso o seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças. Nesse posicionamento teórico, a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas.

Ou seja, como afirma Moita Lopes (1996), a pesquisa em LA trata-se do tipo de pesquisa de natureza aplicada em Ciências Sociais, que focaliza a linguagem do ponto de vista processual, de natureza indisciplinar e mediadora e que utiliza, de forma predominante, uma formulação teórica e interpretativista.

Podemos perceber que a abordagem qualitativa encontra respaldo na LA, pois é um campo que, ao buscar compreender as questões de linguagem, as construções discursivas, entende que os discursos não são neutros, mas são, na verdade, construtos sociais e históricos e carregam consigo os embates ideológicos e políticos presente na sociedade, essa postura deixa de lado a perspectiva positivista que preza pela neutralidade, a objetividade nas pesquisas, uma vez que na LA tanto o objeto de pesquisa quanto o pesquisador são frutos das relações históricas e sociais.

5.3 Corpus da pesquisa

O *corpus* de análise desta pesquisa se constitui por charges que retrataram o *impeachment* da presidenta Dilma. As charges selecionadas foram publicadas no *Jornal Folha de São Paulo* no período do *impeachment*, iniciado em 2 de dezembro de 2015 e encerrado em 31 de agosto de 2016.

A escolha por esse jornal deve-se ao fato por ele trazer, tradicionalmente em suas páginas, o gênero charge de forma expressiva, concentrando grandes chargistas e cartunistas do país e, também, por ser um jornal de grande circulação e expressão nacional, ocupando sempre boas colocações no ranking²² dos jornais de maior circulação do país.

²²A **Folha** teve em 2018 o site de jornal com mais audiência do país. É também o diário com o maior número de assinantes digitais. Os dados são da Comscore, empresa americana especializada na análise de tráfego na internet, e do IVC (Instituto Verificador de Comunicação). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/site-da-folha-lidera-audiencia-entre-os-jornais.shtml?loggedpaywall>. Acesso em: 15 de abr. 2019.

As charges selecionadas serão apenas aquelas publicadas na seção Opinião, segunda página do jornal, em que, tradicionalmente, uma charge diária, elaboradas pelos chargistas e cartunistas do próprio jornal, é publicada.

Figura 3 - Imagem da seção Opinião da Folha de São Paulo



Fonte: Folha de S. Paulo, 02 de dezembro de 2015

Nesse tempo, de oito (8) meses e vinte nove dias (29) dias, foram publicadas 274 charges nessa seção Opinião. Para chegar a esse resultado, foi utilizada a plataforma digital da Folha de S. Paulo na qual realizamos uma filtragem dos jornais correspondentes aos meses do processo do *impeachment*. Nesse primeiro momento de coleta de dados, foi feito um arquivo com todas as edições desse período (2 de dezembro de 2015 a 31 de agosto de 2016) e uma pré-seleção das charges para uma análise posterior mais aprofundada.

Durante esse processo de pré-seleção das charges e das páginas do jornal, percebemos que há cinco momentos que são considerados cruciais durante o processo do *impeachment*:

- a) A aceitação do processo do *impeachment* na Câmara dos Deputados (mês de dezembro/2015);
- b) O rompimento oficial do PMDB com o governo Dilma (mês de março/2016);
- c) A votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados (mês de abril/2016);

d) A decisão do Senado pela abertura do processo de afastamento da presidenta Dilma do cargo (mês de maio/2016);

e) A votação do processo no Senado e o seu desfecho final (mês de agosto, 2016).

Desse modo, delimitamos, como recorte, esses cinco meses: dezembro/2015, março/2016, abril/2016, maio/2016 e agosto/2016, para a seleção final das charges, trazendo para compor a análise desta pesquisa dez (10) charges, respeitando os seguintes critérios:

1º- dialogam de forma explícita ou implícita com o processo do *impeachment* da presidenta Dilma;

2º- possibilitem acompanhar a linearidade temporal do processo do *impeachment*;

3º- viabilizem uma análise do humor e de seu aspecto crítico ao significar os acontecimentos do *impeachment*.

A seguir, expomos uma tabela que demonstra com mais detalhe o recorte estabelecido para a análise.

MESES	TOTAL DE CHARGES PRODUZIDAS	CHARGES QUE DIALOGAM COM O PROCESSO DE IMPEACHMENT	CHARGES SELECIONADAS PARA ANÁLISE
DEZEMBRO/2015	30	12	2
MARÇO/2016	31	11	2
ABRIL/2016	30	23	2
MAIO/2016	31	14	2
AGOSTO/2016	31	14	2
TOTAL	143	74	10

Em resumo, esta pesquisa foi desenvolvida da seguinte forma:

No primeiro momento, foi realizado um levantamento e estudo de produções teóricas de diferentes autores que abordam sobre temas importantes para nossa pesquisa, como o humor, linguagem, discurso, ideologia, mídias, texto e gênero charge, objetivando, assim, promover uma discussão sobre o humor e a especificidade da linguagem humorística; discutir sobre concepção dialógica da

linguagem, ideologia, discurso e discurso nas mídias; refletir sobre os sentidos do texto; e, por fim, discutir sobre o gênero charge e suas características, para, dessa forma, chegar às análises das charges com bom arcabouço teórico e metodológico.

Em um segundo momento, realizamos a pré-seleção das charges e dos jornais, na plataforma digital *Jornal Folha de S. Paulo*. Posteriormente, seguindo um recorte de *corpus* pré-estabelecido, fizemos a seleção final das charges que trazem, em seu conteúdo, discursos referentes ao período do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Junto a isso, foi feito também uma contextualização da conjuntura política brasileira referente ao cenário do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, buscando compreender o contexto esse que suscitaram as produções das charges e os discursos produzidos.

Por fim, realizamos a análise do *corpus*, buscando compreender, através de análises textuais e discursivas presentes nas charges, como humor se manifesta e produz sentidos em sua reflexão e significação de mundo nesse gênero, especificamente, buscou-se depreender de que forma o humor desvela e ressignifica os discursos políticos presentes nas charges que retrataram o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016.

5.4 Contexto da produção das charges analisadas

Antes de iniciarmos as análises, é de fundamental importância apresentar uma breve contextualização da conjuntura econômica e política na qual foram produzidas as charges, pois compreendemos que, na perspectiva do dialogismo, a linguagem é fruto do contexto social e das relações sociais e, dessa forma, os discursos refletem não apenas a realidade na qual estão inseridos, como também refratam uma outra, produzindo outros sentidos (VOLÓNICHOV, 2017).

O contexto em que as charges, *corpus* desta pesquisa, foram produzidas corresponde ao período da abertura e encerramento do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT), iniciado em 2 de dezembro de 2015 e encerrado em 31 de agosto de 2016. Reeleita em 2014 com mais de 54 milhões de votos, Dilma Rousseff enfrentou um cenário político bastante conturbado em seu segundo mandato (FERNANDES, 2016).

Adotando uma política, considerada por muitos, austera, Dilma nomeou, já no início do seu segundo mandato, como Ministro da Fazenda o ex-diretor

superintendente do banco Bradesco Joaquim Levy, na tentativa de “acalmar” o mercado financeiro e estabelecer metas para o superávit primário²³ em decorrência da queda dos preços das *commodities*²⁴. A queda dos preços das *commodities*, aliada à seca, provocou colapso nas hidrelétricas, resultando tanto no aumento dos preços dos combustíveis como também da energia²⁵. Somando-se a essa questão, temos também as escolhas de Joaquim Levy e Kátia Abreu (Ministra da Agricultura e representante dos ruralistas) que deixaram insatisfeitos os eleitores (por causa das acusações de estelionato eleitoral) e o próprio partido da presidenta (PT) que não aprovou as medidas adotadas. Esses fatos ocasionaram certa perda de popularidade e apoio ao governo da presidenta Dilma, como aponta Jinkings (2016, p.12):

As origens da crise mostram, [...], um quadro muito mais complexo, que começou quando o governo – assim que fechadas da reeleição, em 27 de outubro de 2014 – abandonou suas promessas de campanha e adotou o programa de seu oponente, Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Aos poucos, a base social tradicional do Partido dos Trabalhadores (PT) que garantira a vitória da candidata Dilma Rousseff se afastou do governo, abrindo caminho para uma ofensiva crescente da direita. O agravamento repentino do quadro econômico e uma recessão planejada, que derrubou o PIB, criaram uma situação de extrema vulnerabilidade.

Aliado a esses problemas, surge um movimento no Congresso Nacional liderado pelo então senador Aécio Neves (PSDB)²⁶, que por estar descontente com o resultado das urnas, inicia, junto ao Congresso, uma campanha de imobilização do governo Dilma, na tentativa de barrar as principais medidas e projetos do governo. Diante de uma forte crise econômica e política, surgem também, nesse cenário,

²³ Superávit primário é o resultado positivo de todas as receitas e despesas do governo, excetuando gastos com pagamento de juros. O déficit primário ocorre quando esse resultado é negativo. Ambos constituem o "resultado primário". Disponível em:

< <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/superavit>>. Acesso em: 06 set. 2018.

²⁴ As *commodities* – ou commodity, no singular – é uma expressão do inglês que se difundiu no linguajar econômico para fazer referência a um determinado bem ou produto de origem primária comercializado nas bolsas de mercadorias e valores de todo o mundo e que possui um grande valor comercial e estratégico. Geralmente, trata-se de recursos minerais, vegetais ou agrícolas, tais como o petróleo, o carvão mineral, a soja, a cana-de-açúcar e outros. Acesso em: 06 de set. 2018.

Disponível em: < <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/commodities.htm>>. Acesso em: 06 de set. 2018.

²⁵ A jornalista em economia, Simone Kafruni, expõe esses fatos na matéria “Gasolina e energia levaram R\$ 121,4 bi do bolso dos brasileiros”. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/12/21/internas_economia,719149/gasolina-e-energia-levaram-r-121-4-bi-do-bolso-dos-brasileiros.shtml. Acesso em: 07 de jul. 2019.

²⁶ Em seu primeiro discurso após a derrota das eleições presidenciais, Aécio Neves promete uma oposição incansável e intransigente. Disponível em: < Acesso em: 07 de jul. 2019.

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/05/aecio-neves-promete-oposicao-201cincansavel-e-intransigente201d>>. Acesso em: 07 de jul. 2019.

movimentos ultraliberais que por meio das redes sociais propagavam ódio ao governo com intuito de gerar mais instabilidade e incitar parte grupos de oposição a realizar protestos. O movimento que melhor representa esse momento é o MBL (Movimento Brasil Livre), grupo político ultraliberal que surgiu em 2014, tendo como principal bandeira o *impeachment*, ficou conhecido pela retórica agressiva contra os opositores e pela propagação de fake News.

Além desses fatores, tem ainda a operação Lava Jato, que investigava fraudes em contratos da Petrobras envolvendo grandes empresários e políticos de vários partidos. As delações dos réus envolvidos nesse esquema de corrupção contribuíram tanto para a intensificação tanto da crise política²⁷ quanto para o desgaste da imagem do governo. É nesse cenário que surge o debate sobre o *impeachment*, ganhando notoriedade a partir do momento que o governo de Dilma começa a perder força em sua base política aliada.

Em 02 de dezembro de 2015, a denúncia feita pelos juristas Miguel Reale Jr., Janaína Paschoal e Hélio Bicudo é aceita pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB). Segundo o Jornal *Folha de S. Paulo*²⁸, Cunha chantageou o governo, afirmando que acataria a solicitação do processo de *impeachment* protocolada pelos os advogados, caso os deputados do PT, no Conselho de Ética na Câmara, decidissem autorizar seu processo de cassação.

Desse modo, a aceitação do pedido de *impeachment* pelo o deputado, Eduardo Cunha, foi anunciada no mesmo dia em que a bancada do PT declarou, na Câmara, que iria votar pela continuidade do processo de cassação de Cunha no Conselho de Ética, no qual o peemedebista estava sendo acusado de omitir sobre suas contas na Suíça.

No pedido de *impeachment*, os juristas que protocolaram o processo defendiam que Dilma tinha cometido o crime de responsabilidade fiscal ao recorrer às chamadas “pedaladas fiscais” – uso de bancos públicos para pagar dívidas e

²⁷ Conforme as investigações da Operação Lava Jato, iniciada em março de 2014, avançam e se aproximam da casta política dos partidos tradicionais, que sempre pareceu intocável. A sensação é de que o sistema político brasileiro parece estar à beira de um colapso e, com seus principais nomes sob suspeita, enfrenta danos cada vez maiores a suas imagens (El País, 06 de junho de 2016). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/10/politica/1462908381_512453.html?rel=mas. Acesso em: 03 mai. 2019.

²⁸ Horas depois do PT anunciar que dará apoio ao prosseguimento do pedido de cassação de Eduardo Cunha (PMDB – RJ), o presidente da Câmara dos Deputados retaliou, aceitando a análise do pedido de *impeachment* de Dilma Rousseff (PT) pelo plenário da casa. (Folha de S. Paulo, 3 de dezembro de 2015). Acesso em: 03 mai. 2019.

maquiar as contas. É partir desse momento que temos o início do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) que foi finalizado em 31 de agosto de 2016 com o afastamento da presidenta.

Cabe ressaltar que os embates políticos que levaram o *impeachment* da presidenta Dilma deram espaço para a discussão de golpe de Estado. De acordo com o advogado de defesa da presidenta, José Eduardo Cardozo, o *impeachment* não tinha base na Constituição, pois as pedaladas fiscais não estão tipificadas na constituição como crime de responsabilidade. Segundo o advogado-geral da União, é impossível configurar crime de responsabilidade sem ação dolosa da mandatária. Portanto, o fato de não haver crime de responsabilidade para justificar o *impeachment*, o processo se configurava em um golpe de Estado²⁹.

Löwer (2016), por exemplo, classifica o *impeachment* de 2016 como golpe de Estado psedolegal. Segundo autor, diferentemente do que aconteceu no golpe de 1964, o golpe de 2016 teve um rito considerado legal, mas destituíram a presidente com o pretexto das irregularidades contábeis, “as pedaladas fiscais”, uma prática utilizada em todos os governos anteriores. Além disso, uma porcentagem considerável dos parlamentares – deputados e senadores – que avaliaram e voltaram no processo, estavam envolvidos em casos de corrupção (LÖWER, 2016).

Após essa contextualização dos fatos do período do *impeachment*, iniciaremos, na próxima seção, as análises das charges publicadas na *Folha de S. Paulo* que retrataram o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff pelo o viés do humor.

²⁹ Informações presentes na reportagem da revista Época. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/04/cardozo-faz-defesa-de-dilma-na-comissao-especial-do-impeachment.html>>. Acesso em: 07 de jul. 2019.

6. ANÁLISE DAS CHARGES

Considerando que a análise das charges no seu contexto histórico e cultural possibilita refletir sobre o humor e sobre seu aspecto crítico e social, iniciaremos, nesta seção, as análises das dez (10) charges selecionadas que, em seu foco temático, retratam o processo de *impeachment* da presidenta Dilma, ocorrido em 2016. Como foi detalhado na metodologia, as charges que serão analisadas seguem uma linearidade temporal dos acontecimentos que envolveram o processo de *impeachment*. Desse modo, esta seção será dividida em cinco subtópicos no qual terá duas charges analisadas em cada um deles. Para embasar as análises, apresentaremos as reflexões sobre o humor, linguagem, discurso, ideologia e as estratégias textuais e discursivas utilizadas no gênero charge para a construção de sentido.

6.1 A aceitação do processo do *impeachment* na Câmara dos Deputados

A primeira charge que será analisada pertence ao cartunista Angeli³⁰ e foi publicada na *Folha de S. Paulo* um dia depois que o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, aceitou o pedido de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff formulado pelos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, no qual acusava Dilma de praticar “pedaladas fiscais”, prática de atrasar repasses a bancos públicos a fim de cumprir as metas parciais da previsão orçamentária. Para iniciar as análises, vejamos a charge supracitada:

³⁰ **Arnaldo Angeli Filho** nasceu em 31 de agosto de 1956, na cidade de São Paulo, e aos 14 anos publicou seu primeiro desenho na extinta revista Senhor. Em 1973, foi convidado a desenhar para o jornal *Folha de S. Paulo*, no qual criou a tira diária “Chiclete com Banana”, publicada na seção de quadrinhos, lançando personagens como Rê Bordosa, Bob Cuspe, Wood & Stock e os Skrotinhos, entre outros. Disponível: < <https://www.angelimatador.com/sobre-full>>. Acesso em: 06 de jun. 2019.

Charge 1 - Folha de S. Paulo, 03 de dezembro de 2015



Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

Na charge acima, temos no plano da linguagem não verbal, a representação do Cunha de mãos dadas com as possíveis figuras dos dois juristas responsáveis pela a formulação do processo de *impeachment*, Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e, ao lado, a figura da Dilma. Percebemos que a caricatura se coloca como o primeiro recurso do humor presente na charge, sendo uma grande aliada ao humor, à caricatura estabelece uma provocação humorística através dos efeitos visuais das personagens. Segundo Silva (2008), quando se trata de charge, é considerável “que a própria caricatura seja uma forma de hipérbole em função de seus traços exagerados e ficcionais (p. 63).

Podemos observar, assim, que as figuras humanas presentes na charge possuem um aspecto desfigurado. É uma caricatura que não só exagera, acentua as características mais marcantes de quem está sendo caricaturado, mas há uma distorção muito forte dos aspectos humanos, como podemos observar nos traços do desenho dos cabelos e nas faces das personagens (olhos, boca, nariz), apresentando uma imagem grotesca das personagens, pois, como considera Bakhtin (2010), “o exagero, o hiperbolismo, a profusão, o excesso são, segundo a opinião geral, os sinais característicos mais marcantes do *estilo grotesco*” (p.265, grifos do autor). E é importante perceber que esse aspecto grotesco, presente na charge, vem carregando de significações, nesse sentido, Sodré (1973) afirma que

Uma máscara negra, um monstro gótico, obras de profunda inspiração artística, podem situar-se na categoria do grotesco. Às vezes, ele nos ajuda a desvelar uma realidade mitificada: é o caso, por exemplo, do grotesco utilizado por muitos cartunistas modernos (p. 73).

Dessa maneira, a manifestação do grotesco na charge possibilita essa desmitificação da realidade, a imagem grotesca vem para estabelecer um contraste com a linguagem verbal, desvelando que a aceitação do pedido de *impeachment* não é uma situação que possa ter tranquilidade e confiança.

No plano linguístico, na parte inferior da charge, temos o enunciado “- *Sem crise, Dilma, tá comigo, tá com Deus!*”, fala que podemos associar a figura do Cunha, pois, como exposto anteriormente, ele havia acabado de aceitar o pedido de *impeachment* contra Dilma. O enunciado, “*tá comigo, tá com Deus*”, pode ser entendido, inicialmente, como algo que está seguro, protegido, isto é, Dilma não tem com que se preocupar. Nessa parte, é possível identificar o recurso da ironia, uma vez que a segurança que Cunha quer passar para Dilma não condiz com a realidade dos fatos, afinal, mesmo Cunha fazendo parte do partido que era aliado ao governo, PMDB, o contexto nos mostra que estava ocorrendo um atrito entre Cunha e o PT, pois o presidente da Câmara estava sendo investigado por lavagem de dinheiro e, através de chantagem, Cunha almejava o apoio dos candidatos do PT para votarem contra o relatório preliminar que pedia a continuidade do processo disciplinar com pedido de cassação do seu mandato.

Esse apoio não ocorreu e no dia 02 de dezembro de 2015 o relatório foi aprovado com votos dos deputados do PT. Essa situação fez com que Cunha tomasse a decisão de aceitar o pedido de *impeachment* contra a presidenta Dilma. Então, a fala de Cunha, nesta charge, se configura em uma falsa promessa, pois o contexto da situação nos dá subsídio para entender essa atuação do Cunha como uma espécie de vingança. Dessa forma, o discurso que sugere que Dilma fique tranquilizada é um discurso irônico, pois, como afirma Alvarce (2009), a ironia possibilita essa dissonância de vozes em sua estrutura, havendo uma incongruência entre o que é dito e a “realidade concreta”. Essa ideia de que a ação do Cunha foi uma forma de retaliação ao PT também pode ser observada na próxima charge.

Charge 2 - Folha de S. Paulo, 12 de dezembro de 2015



Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

Essa segunda charge que iremos analisar dialoga com a discussão anterior presente na primeira análise. Nessa charge, do cartunista Montanaro³¹, temos uma referência a essa retaliação do Cunha ao PT. Sendo publicada no mês de dezembro, a charge estabelece uma intertextualidade com figuras do período natalino, como a presença do Papai Noel, a Mamãe Noel e a rena. Os elementos gráficos da charge mostram uma rena decapitada na cama do Papai Noel, que aparece de forma centralizada na charge, a Mamãe Noel de um lado constando o acontecido e, do outro lado da cama, temos a figura do Papai Noel cabisbaixo, de costas para a situação. É possível perceber certa descaracterização da figura do Papai Noel, a tatuagem presente em seu braço pode ser considerada um elemento carnavalesco de degradação paródica, a exemplo do que Bakhtin descreve e analisa quando faz referência ao grande ventre de Sancho Pança³² como elemento carnavalesco de degradação de um personagem (BAKHTIN, 2010, p. 19). No caso da charge, esse elemento estabelece um contraste com a imagem tradicional e com a própria ideia que se tem do Papai Noel.

A carnavalização se manifesta não somente nas caricaturas dos personagens natalinos como também na profanação que estabelece em relação ao natal, pois a

³¹ **João Montanaro** nasceu em São Paulo em 1996, é um jovem cartunista, chargista e ilustrador brasileiro. Montanaro iniciou sua carreira muito cedo, aos 12 anos já publicava na revista humorística "Mad" e em um blog próprio. Em 2010, tornou-se chargista da Folha de S. Paulo. Desde então, publica cartuns políticos na página editorial do jornal. Não gosta de pintar no computador, então desenha à mão e se vale de nanquim, aquarela, guache e outros materiais para finalizar seu trabalho. Estuda design gráfico e já expôs seus trabalhos em museus, murais e diversas publicações. Disponível em: <<http://lote42.com.br/project/joao-montanaro/>>. Acesso em: 01 de jun. 2019.

³² Personagem presente na obra de Dom Quixote.

charge transforma o momento natalino – que é associado ao nascimento, à celebração da vida – em um cenário que se remete à morte, à violência e à vingança. Dessa forma, como afirma Bakhtin (2010), a linguagem carnavalesca é caracterizada “principalmente, pela lógica original das coisas ‘ao avesso’, ‘ao contrário’, das permutações constantes do alto e do baixo” (p. 10). A charge, assim, apresenta um mundo às avessas, que se desvia da ordem habitual, possibilitando um jogo de alternância e alteridade que contribui, dessa forma, para a construção do humor na charge, pois, como ressalta Saliba (2002, p.17), “o humor brota exatamente do contraste, da estranheza e da criação de novos significados”.

Assim, é importante perceber, nesse processo, que a carnavalização presente na charge é utilizada como uma estratégia discursiva que, parodiando os fatos, produz efeitos de sentidos, estabelecendo a crítica e a denúncia e, ao mesmo tempo, provocando um deslocamento de sentidos nos discursos produzidos no cenário político que envolveu o *impeachment* da presidenta Dilma.

No que se refere à linguagem verbal, temos a fala da Mamãe Noel, que dialoga com o discurso materno de dizer que avisou: “*Falei pra não colocar o Cunha na lista de menino mau...*”, sugerindo que teria sido Cunha que decapitou a rena, configurando, assim, em uma atitude de vingança por estar na lista dos meninos maus, aqueles que não ganham presentes no Natal. Essa figura vingativa de Cunha que aparece na charge dialoga com atitude que o candidato tomou com a relação à Dilma, pois o fato dos candidatos do PT terem votado a favor do relatório para dar continuidade à investigação sobre ele, culminou na aceitação do pedido do *impeachment* da presidenta na Câmara dos Deputados. A ameaça de Cunha com relação ao PT chegou a ser manchete do jornal *Folha de S. Paulo* no dia 1 de dezembro de 2015, alguns dias antes da publicação dessa charge, como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 4 - Imagem da manchete do Jornal Folha de São Paulo



Fonte: Jornal Folha de São Paulo

Essa reportagem foi publicada um dia antes do relatório sobre o Cunha ser, definitivamente, votado no Conselho de Ética, no dia 02 de dezembro de 2015. Com essas informações, que também estavam presentes nos noticiários, é possível compreender melhor a construção e os sentidos presentes na charge analisada. Percebemos que a construção do humor se estabelece através das relações intertextuais que a charge faz, seja estabelecendo um diálogo com elementos no universo natalino, seja fazendo remissão a outros textos do próprio jornal.

O humor e os sentidos que a charge busca produzir estão atrelados a acontecimentos sociais específicos e para chegarmos a essa produção de sentidos é necessário conhecer esse contexto. Como afirma Dolabella (2017), a charge é um tipo de texto que os sentidos não estão apenas na imagem nem nas palavras em si, mas o contexto é um elemento fundamental nesse processo de construção de sentido das charges.

Todos esses indícios linguístico-discursivos presentes na construção da linguagem humorística no gênero charge possibilita a produção de vários sentidos não só sobre o processo de *impeachment*, como também, estabelece sentido sobre a figura política de Eduardo Cunha. A charge nos apresenta uma leitura da figura de Cunha como um político vingativo e nos leva a questionar os motivos que ocasionou a aceitação do pedido de *impeachment*.

Dessa forma, as duas charges que compõe esse primeiro bloco de análise nos mostram o olhar produzido pelo o humor no início desse processo do *impeachment* da presidenta Dilma. A charge, dessa forma, produz sua reflexão sobre realidade através do humor, atribuindo novos sentidos aos acontecimentos. Nesse aspecto, Teixeira (2005) afirma:

charge também se designa um traço de reflexão através do humor, que reproduz sujeitos reais e resume conflitos políticos. O humor é o principal fundamento de sua narrativa, o instrumento singular de sua linguagem, uma vez que é através dele que a charge transforma a notícia numa *consciência* sobre ela. (p. 73, grifo do autor)

Através do humor, as charges designam um novo olhar para os acontecimentos políticos, significando o real. A charge parte da notícia, mas ao promover um movimento de reflexão sobre os acontecimentos, ela se desprende da notícia, criando uma consciência sobre essa notícia, produzindo novos sentidos. Dessa forma, a charge nos revela e nos coloca em um jogo de significados, que a

notícia, supostamente pautada na informação, na objetividade, não consegue estabelecer.

6.2 O rompimento oficial do PMDB³³ com o governo Dilma

Antes de iniciarmos a análise das duas charges que compõem essa seção, é importante lembrarmos que o PMDB é um partido que tinha participação no governo do PT desde a época do governo Lula (2003 – 2011). No governo Dilma, o PMDB era a principal legenda da base aliada, no segundo mandato da presidenta Dilma, por exemplo, o PMDB ocupava 9 (nove)³⁴ ministérios, Eduardo Cunha (PMDB/RJ) era o presidente da Câmara dos Deputados e na presidência do Senado foi eleito Renan Calheiros (PMDB/AL)³⁵. Essas informações nos mostram não apenas o grande espaço político que o PMDB ocupava no governo Dilma como também sua influência junto ao governo e o aparelhamento do Estado.

Dito isso, analisaremos a seguir as charges publicadas no mês de março que marcam o conflito e o rompimento do PMDB com o governo Dilma. A primeira charge analisada nesta seção será do cartunista, João Montanaro. Para construir sua charge, o cartunista, possivelmente, se inspira no Torneio de Candidatos de Xadrez de 2016 que estava ocorrendo em Moscou durante o mês de março.

Charge 3 - Folha de S. Paulo, 21 de março de 2016



Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

³³ Atualmente MDB (Partido Democrático Brasileiro).

³⁴ Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/10/veja-como-ficara-composicao-por-partido-no-ministerio-de-dilma.html>>. acesso em: 07 jul. 2019.

³⁵ Disponível: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2016/03/30/interna_politica,748559/do-namoro-ao-divorcio.shtml>. Acesso em: 07 de jul. 2019

Nessa charge temos uma disputa de xadrez: de um lado temos a representação da figura de Dilma e do Lula e do outro a figura do juiz Sérgio Moro³⁶ e o Eduardo Cunha. A disputa de xadrez, que normalmente se estabelece entre dois jogadores, é representada na charge como uma disputa entre duas duplas.

A presença da figura do Juiz Sérgio Moro, nesta charge, está atrelada ao polêmico acontecimento em que Moro derruba sigilo e divulga³⁷ grampo de ligação entre Lula e Dilma³⁸. Nos áudios, Dilma afirma que está encaminhando ao Lula o termo posse em caso de necessidade, esse termo era referente à nomeação de Lula á ministro da Casa Civil. O que o vazamento desses áudios e as notícias referentes a eles sugeriram, na época, era que Dilma e Lula estavam utilizando essa nomeação como estratégia de proteção ao Lula, pois, sendo ministro, o ex-presidente ganharia foro privilegiado o que impediria seu julgamento em primeira instância. Para os aliados do governo, essa ação era uma prova que Moro estava utilizando do poder de juiz para retirar Lula do jogo político³⁹.

Diante desse episódio, o cartunista constrói sua charge em que a cena enunciativa apresenta um duelo nem um pouco civilizado de xadrez. O humor da charge é construído pelo o contraste irônico entre o plano verbal e o não verbal. Se no título dado à charge temos o enunciado “*Fino jogo de xadrez*”, que pode nos trazer a ideia de algo elegante, delicado, na linguagem não verbal é apresentado uma cena em que se mostra o contrário do que seria uma elegante partida de jogo de xadrez. A charge remete a ideia de guerra, na qual os tabuleiros servem como escudos e as peças como instrumento de ataque.

Ou seja, diferente do que normalmente ocorre no xadrez, em que se tem as peças sobre o tabuleiro e que cada movimento das peças é regido por regras, a

³⁶ Sérgio Moro (1972), na época do *impeachment*, era juiz da 13ª Vara Federal que se notabilizou por comandar a maior investigação contra a corrupção no Brasil, a Operação Lava Jato. Essa operação levou à prisão do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, acusado de corrupção passiva e branqueamento de capitais. https://www.ebiografia.com/sergio_moro/. Acesso em 15 ago. 2019.

³⁷ Esse episódio foi um momento de grande polêmica para a política brasileira. A quebra de sigilo e a divulgação dos áudios autorizados pelo o juiz Sérgio Moro foram considerados ilegais e duramente criticadas por vários juristas e por juízes do Supremo, como Teori Zavascki e Marco Aurelio. Disponível: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/30/politica/1459296826_155962.html>. Acesso em 15 ago. 2019.

³⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/pf-libera-documento-que-mostra-ligacao-entre-lula-e-dilma.html>>. Acesso em 15 ago. 2019.

³⁹ Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/lula-recorre-%C3%A0-onu-e-diz-ser-perseguido-pelo-juiz-s%C3%A9rgio-moro/a-19433525>>. Acesso em: 15 de ago. 2019.

charge procura mostrar que nesse jogo da política não se está respeitando as regras do jogo, sugerindo que as ações dos políticos, em ambos os lados, não estão no campo das instituições, revelando que os jogadores deixaram de lado as regras estabelecidas em que se deve ocorrer as disputas políticas.

O humor presente na charge se constrói, dessa maneira, com o diálogo que é estabelecido entre a charge com os acontecimentos políticos ocorridos durante o processo de *impeachment*. Como ressalta Ferreira (2017, n.p), a charge pode ser compreendida como

uma linguagem iconográfica que utiliza o humor como uma espécie de função desestabilizadora de sentidos, ou segundo Orlandi (1992), com aquilo que é dito e ou não é dito, que se propõe a dizer de forma não clara, indireta ou com uma linguagem velada. O humor na charge política está intimamente ligado a um acontecimento, em geral de conhecimento comum a um determinado grupo, enfatizando fatos relacionados à esfera política como: a corrupção, um mandato governamental, uma lei sancionada ou vetada, um regime político ou particularidades da vida privada de um governante.

Dessa forma, podemos entender que o humor utilizado na charge causa instabilidade nos sentidos, nos discursos que circulam sobre o *impeachment*, ao dialogar com acontecimentos sociais, com os discursos que estão postos na sociedade, a charge, através do humor, com sua perspectiva crítica e reflexiva, recria, significa esses discursos, possibilitando a leitura de outros sentidos e, ao mesmo tempo, estabelecendo uma provocação, uma contestação, como ressalta Ferreira (Ferreira, 2017, n.p):

A função do humor na charge contemporânea é questionar as mais diversas instituições ou o poder que emana delas, e seu caráter reflexivo, não diminui seu poder revolucionário, pois o discurso humorístico presente nelas é dirigido às práticas sociais, aos comportamentos e ao poder.

Desse modo, a charge analisada revela seu olhar sobre as práticas sociais e os comportamentos dessas personalidades políticas, significando os acontecimentos e os embates políticos ocorridos nesse período de *impeachment*, mostrando não somente o confronto que se estava estabelecendo entre o PT (Dilma/Lula) e o PMDB/Cunha, como também traz a figura de um juiz se posicionado de um lado do jogo, como alguém que se coloca em posição de rivalidade contra o PT, ou seja, um ator político, fatos que nos leva a questionar a imparcialidade⁴⁰, as práticas do juiz Sérgio Moro.

⁴⁰ A imparcialidade do juiz decorre do princípio do juiz natural, sendo esta entendida pela doutrina como uma garantia conferida aos cidadãos contra o arbítrio dos magistrados. É um pressuposto em

Seguindo a análise desse conflito político estabelecido entre PT e PMDB, analisaremos a seguir mais uma charge de João Montanaro. A charge seguinte foi publicada três meses depois da aceitação do pedido de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados.

Charge 4 - Folha de S. Paulo, 26 de março de 2016



Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

Nessa charge, temos uma possível representação da figura da presidenta Dilma e do ex-presidente Lula, recebendo um “presente” do PMDB, partido político do vice-presidente Michel Temer e aliado à base política do governo.

A charge foi publicada um dia antes da Páscoa⁴¹, por isso, a figura de Dilma entende que o possível presente se tratava de um ovo de páscoa, “*Esse é um ovo de páscoa bem estranho...*”. Desse modo, devemos compreender que a produção dessa charge está ligada aos noticiários da semana, pois recorrendo às notícias do próprio Jornal *Folha de S. Paulo*, podemos perceber que as notícias apontavam para o rompimento do partido PMDB com o governo Dilma, pois nas reuniões realizadas pelo o partido, a maioria apoiava o rompimento. Isso nos mostra a relação intertextual da charge com os noticiários, dialogando, desse modo, com a afirmativa de Romualdo (2000) ao dizer que a intertextualidade é um dos elementos constituintes da charge, ou seja, a charge estabelece relações com fatos e temas

que o juiz não fara distinções entre as partes, atuando de forma livre sem qualquer interesse na causa, e ainda, preocupando-se com a efetiva justiça. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.com.br/a-parcialidade-do-juiz/>>. Acesso em: 07 de set. 2019.

⁴¹ O nome Páscoa é de origem hebraica, da palavra *Pessach* que significa “passagem”, e leva esse nome pois antes de ser a festa da ressurreição, marcava o final do inverno e a chegada da primavera. O domingo de Páscoa celebra a festa da vida. É nele onde são referenciadas a última Ceia, a prisão, julgamento, condenação, crucificação e ressurreição de Cristo e é nele que somos convidados à nossa ressurreição. Disponível em: <<https://www.nossasagradafamilia.com.br/conteudo/voce-sabe-qual-o-verdadeiro-significado-da-pascoa-crista.html>>. Acesso em: 02 de mar. 2019.

ligados ao noticiário como também dialoga com outros textos e discursos fora do jornal.

Então, partindo dessas informações, podemos compreender melhor a simbologia do cavalo apresentado na charge e sua relação com um outro momento e outro contexto histórico, a Guerra de Tróia, que possui como um dos principais símbolos o Cavalo de Tróia, tais fatos estão presentes no poema épico *Ilíada*⁴², de Homero. De forma resumida, o Cavalo de Tróia foi uma estratégia dos gregos para ganhar a guerra. Segundo a história, o guerreiro grego Odisseu teria tido a ideia de construir um grande cavalo e presentear os troianos, como uma forma simbólica e de falsa rendição da guerra. No entanto, no interior do cavalo havia vários soldados gregos que aproveitaram o momento de comemoração e distração dos troianos para invadir Tróia e vencer a guerra. Desse modo, como afirma Santos (2012):

Mais do que uma atividade humana individual, quando se leva em conta a arte e a produção cultural veiculada pelos meios de comunicação de massa, o humor é um processo coletivo presente em um enunciado compartilhado por vários indivíduos. Exerce, como pensa Bergson, uma função social, seja ela de controle ou de reafirmação dos valores dominantes, seja ela crítica e contestadora (p. 34).

Diante dessa relação, a charge nos mostra a possibilidade de compreender que a representação do cavalo, neste contexto, remete à ideia do “presente de grego”, representação da traição, oportunismo, falso presente, ou seja, assim como os troianos foram enganados pelos gregos, poderíamos pensar o rompimento do PMDB com o governo Dilma, também como uma forma de traição, falsidade, e que de maneira semelhante ao poema épico, em que o Cavalo de Tróia foi decisivo para a derrota dos troianos, o rompimento do PMDB também pode ser considerado como um fator decisivo para que a Presidenta Dilma sofresse o *impeachment*. Segundo Charaudeau (2015, p.131),

Mortos são mortos, mas para que signifiquem “genocídio”, “purificação técnica”, “solução final”, “vítimas do destino”, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais.

Assim, podemos pensar que a formação ou a coalisão entre PMDB e PT, pela composição de Temer com Dilma, de presente se transforma em “ovo estranho” ou “cavalo de tróia”, com a mudança de posicionamento, de relação, que o partido toma em relação à presidenta. O fato retratado pela charge, ganha nuances de

⁴² Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>>. Acesso em: 02 de mar. 2019.

significados. Como assevera Charaudeau (2015) “para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo (p.131, grifo do autor).

Em oposição a esse oportunismo e dissimulação do PMDB, podemos perceber na charge uma certa ingenuidade dos personagens ao acreditarem que seria de fato um presente, não percebendo as tramas do PMDB, que passa de aliados a articulador do *impeachment*. Ao mesmo tempo, o uso das reticências causa uma interrupção na fala, deixando uma abertura para o leitor refletir e dar continuidade ao que está estabelecido na charge. Dessa forma, a charge, através do humor, utilizando o recurso da imagem e da linguagem verbal, recria esse acontecimento político.

Assim, como argumenta Saliba (2002), a representação humorística, por meio de um esforço inaudito, busca desmascarar o real, captar o indizível e surpreender o engano ilusório dos gestos estáveis. Nesse sentido, o humor, rompendo com a imparcialidade e objetividade que, aparentemente, é adotada no jornal, constrói, por meio de sua narrativa, uma representação e ressignificação do real. Dessa maneira, “a charge *desrealiza* o real para dar conta de suas possíveis e múltiplas significações (TEXEIRA, 2005, p.18, grifo do autor).

É interessante perceber nessa relação de contextos, como o discurso é sempre atravessado por outros discursos e como esse diálogo produz novos discursos, novos sentidos. Como afirma Volóchinov (2017, p. 218):

A realidade efetiva da linguagem não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados.

Desse modo, compreendemos a importância da dialogicidade presente na linguagem e sua estreita ligação com contexto a que pertence e, como o próprio Volóchinov (2017) afirma, não podemos compreender a linguagem fora desse âmbito, isolada das relações sociais, pois a palavra é ideológica por excelência. Nesse sentido, analisar a charge em questão sem fazer essa ponte com a história e sem relacioná-la com a realidade e as circunstâncias sociais que possibilitaram a produção desses discursos é ficar na superficialidade da linguagem, nos discursos vazios de sentidos.

6.3 A Votação do processo de impeachment na Câmara dos Deputados

Seguindo o rito do processo de *impeachment*, conforme a divisão apresentada, temos, nesta seção, as charges publicadas em abril de 2016, mês em que o pedido de *impeachment* da presidenta Dilma foi votado na Câmara dos Deputados. Foi a segunda vez⁴³, desde a redemocratização, que a Câmara dos Deputados decidia sobre um processo de *impeachment*. A charge, que será analisada a seguir, foi publicada um dia antes da votação do processo de *impeachment* na Câmara dos deputados.

Charge 5 - Folha de S. Paulo, 16 de abril de 2016



Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

Cabe ressaltar que a votação no Plenário foi transmitida em rede Nacional e os deputados votaram, nominalmente, contra ou a favor à continuidade do processo de *impeachment* da presidenta Dilma por crime de responsabilidade.

Nos dias anteriores a votação, o PT tentou se articular com os deputados, objetivando conseguir votos para impedir o andamento do processo. No entanto, de acordo com um levantamento feito pela *Folha de S. São Paulo*⁴⁴ e divulgado também no dia 16 de abril, a Casa já indicava que dos 513 deputados, 341

⁴³ O primeiro processo foi em 1992, do presidente Fernando Collor de Mello, sendo o primeiro processo de *impeachment* do Brasil e da América Latina. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/impeachment-collor-foi-primeiro-alvo-de-impeachment-na-america-latina.htm>. Acesso em: 06 de jun. 2019.

⁴⁴ Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?anchor=6021237&pd=ea4d84f98df8bd813b00ce32ed31e049>. Acesso em: 08 de ago. 2019.

sinalizavam votar a favor do *impeachment* e 128 contra, lembrando que, para que o processo avançasse, seria necessários 342 votos.

Fazendo referência a esse momento anterior à votação, temos uma charge intitulada “*A última ceia*”, na qual a figura da presidenta Dilma está sentada, possivelmente, com deputados em uma larga mesa. A figura da presidenta está centralizada enquanto dois grupos se dividem em lados opostos. A charge é construída fazendo uma intertextualidade com a imagem da Última Ceia⁴⁵ pintada por Leonardo da Vinci. De acordo com a passagem bíblica, a última ceia é o momento em que Cristo compartilha sua última refeição com os seus discípulos antes de ser preso pelos romanos. Na ceia, Jesus anuncia que será traído por um dos discípulos: “*Digo-lhes que certamente um de vocês me trairá*”⁴⁶. Na charge analisada, a afirmativa da personagem de Dilma estabelece um diálogo com essa passagem ao dizer que: “*Esta noite, com sorte, um de vocês não vai me trair*”. Tal fala também dialoga, possivelmente, com o levantamento dos votos feito pela *Folha*, citado anteriormente, no qual anunciava que faltava apenas um voto para compor a quantidade necessária para o prosseguimento do processo de *impeachment*, como também, pode nos remeter à ideia de que não será apenas um que irá trair a presidenta, mas que todos vão traí-la.

Podemos observar nesse processo de construção do humor na charge a presença da carnavalização defendida por Bakhtin. Mesmo se tratando de um contexto e de uma prática discursiva diferente da qual Bakhtin (2010) analisou o riso carnavalesco, o processo de carnavalização na charge pode ser observado nas trocas das relações entre “sagrado” com o mundo “profano”, do “belo” pelo o “grotesco”.

No caso da charge analisada, temos esses deslocamentos quando o chargista traz a imagem da Santa Ceia (algo sublime, sagrado) representada por políticos (pessoas envolvidas em caso de corrupção, pessoas desleais) através de caricaturas, do exagero, objetivando provocar o riso, a crítica. A charge, desse modo, transgride a fronteira entre os opostos, misturando e subvertendo as ordens

⁴⁵ A Última Ceia é uma pintura sobre parede realizada por Leonardo da Vinci entre 1494 e 1497 no refeitório do Convento de Santa Maria Delle Grazie, em Milão, Itália. Disponível em: < <https://www.culturagenial.com/a-ultima-ceia/>>. Acesso em: 08 de set. 2019.

⁴⁶ Disponível em: < <https://www.biblica.com/bible/nvi-pt/mateus/26/nvi-pt/>>. Acesso em: 30 de ago. 2019

nas relações, possibilitando o cruzamento de vozes. Sobre esse aspecto, Bakhtin (2005, p. 203) ressalta que

Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra ele recebe da voz de outro e repleta de voz de outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros. O próprio pensamento dele já encontra a palavra povoada. Por isso, a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalinguístico de toda palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada.

Dessa forma, a intertextualidade, como aspecto do dialogismo, revela no texto um cruzamento de vozes, do qual fala Bakhtin, apresentando a charge como um texto polifônico, no qual tem a presença de várias vozes em sua constituição, estabelecendo relações com outros textos e discursos, nesse caso, o discurso religioso. Segundo Romualdo (2000), essa relação intertextual que a charge estabelece com outros textos ou discursos presentes no próprio jornal e fora dele, em um movimento de hipertextualidade, é um elemento que faz parte da constituição da própria charge. Nesse sentido, Vasconcellos (2006, p. 63) também afirma:

A charge, muitas vezes, é produzida a partir de notícias, desenhos, fotos publicadas em edições anteriores, o que deixa claro seu caráter de hipertexto. Entretanto, ao se apropriar de uma foto, de uma notícia do jornal considerado de referência e deslocá-las de um gênero para outro com intencionalidade de gerar o humor, a charge, que desperta o riso e a ironia, serve também para levar o leitor à meditação e à crítica.

Assim, a charge analisada dialoga não somente com as informações contidas no próprio jornal, como também constrói seu aspecto humorístico através do processo de intertextualidade com uma passagem bíblica, conseqüentemente com o discurso religioso, estabelecendo, desse modo, um diálogo com outros discursos e contexto. Sobre esse aspecto, Fiorin (2018, p. 58) afirma:

Intertextualidade deveria ser a denominação de um tipo composicional de dialogismo: aquele em que há no interior do texto o encontro de duas materialidades linguísticas, de dois textos. Para que isso ocorra, é preciso que um texto tenha existência independente do texto com que ele dialoga.

Dessa forma, ao fazermos essa análise, percebemos que charge se utiliza das relações intertextuais tanto no plano não verbal como no plano linguístico, ocorrendo, assim, uma referência não somente à passagem do texto bíblico, mas também a própria imagem que se tem da Última Ceia que Jesus fez junto aos seus discípulos. A percepção dessas diferentes materialidades discursivas presente na charge contribui, desse modo, para construção do humor e da produção de sentidos.

Dessa maneira, a charge nos leva a refletir não somente sobre a falta de apoio político que Dilma estava enfrentando naquele momento para barrar o processo de *impeachment*, como também desvela a possível deslealdade que poderia surgir de alguém próximo à presidenta. Nessa inferência histórica que a charge apresenta, existe uma memória discursiva que anuncia o final ou o resultado do acontecimento apresentado. Dilma, assim como Cristo, será traída, ela sucumbirá. A remissão à Última Ceia não possibilita pensar em uma saída para a situação. É anunciado, dessa forma, um desfecho, um porvir.

A próxima charge que será analisada foi produzida depois que a Câmara dos Deputados autorizou a instauração do processo de *impeachment* de Dilma, com 367 votos a favor e 167 contra. Após esse evento, Dilma seria afastada até a finalização do processo e, com isso, Michel Temer assumiria a Presidência.

Charge 6 - Folha de S. Paulo, 28 de abril de 2016



Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

A charge, do cartunista Benett⁴⁷, apresenta a figura de Michel Temer, vice-presidente, com a faixa de presidente cuspiendo na imagem de Dilma em uma urna eletrônica. Primeiramente, é importante lembrar que esse ato de cuspir em alguém no universo da política já tinha acontecido no dia da votação na Câmara dos Deputados, momento em que o deputado Jean Wyllys cospe em Bolsonaro. Dessa

⁴⁷ **Alberto Benett:** é jornalista e cartunista. É chargista da *Folha de S. Paulo* e do jornal UM BRASIL, e da revista Piauí (redes sociais). Disponível em: < <http://umbrasil.com/cartunistas/benett/>>. Acesso em: 05 de ago. 2019.

forma, podemos pensar que a charge é produzida fazendo referência a esse acontecimento.

Além disso, para entendermos os sentidos dessa charge, cabe ressaltar que o processo de *impeachment* também foi visto como um golpe de Estado. Há uma leitura de que o *impeachment* não tinha uma base legal para afastar a presidenta. Nesse sentido, Jinkings (2016, p.12) chega a afirmar que “A presidente legitimamente eleita foi derrubada por um processo político baseado em leituras elásticas da Constituição”. Desse modo, a charge ao apresentar Temer cuspidor em uma urna com a imagem da presidenta, estabelece, de certa forma, um diálogo com essa leitura sobre o *impeachment*, pois nos possibilita pensar que ação de Temer ao cuspir na urna eletrônica seria um gesto de desprezo, não somente à presidenta, mas também ao processo eleitoral no qual Dilma foi eleita.

Na linguagem verbal apresentada na charge ainda temos a expressão: “*Cuspe way of life*”. Esse enunciado faz referência à expressão “*American way of life*”, atribuída ao estilo de vida americano que se pautava em um cotidiano feliz atrelado ao consumo, aos bens materiais. No entanto, quando entendemos o sentido de cuspir como um ato de nojo ou desprezo, a tradução do enunciado na charge pode assumir a ideia de “Modo de vida cuspe”, ou seja, um estilo de vida que se pauta em ações que estabelece desprezo a algo, ou alguma coisa. No contexto da charge, esses sentidos possibilitam entender que o modo de vida que está imperando no Brasil seria o desprezo à democracia, a vontade do povo.

Desse modo, a charge, através desse jogo de sentidos, expõe sua leitura crítica sobre o processo de *impeachment*, produzindo outros discursos sobre os fatos. Portanto, a linguagem humorística, enquanto ato discursivo, carrega seu aspecto dialógico e ideológico presente em qualquer discurso. E esse aspecto ideológico, como afirma VOLÓCHINOV (2017), não é apenas um reflexo da realidade, mas reflete e refrata uma outra realidade, sendo capaz de distorcê-la e percebê-la de um ponto de vista específico.

Assim, ao que se refere a esse outro ponto de vista produzido pela linguagem humorística, podemos identificar além da crítica social que, de acordo com Travaglia (1989), é um dos objetivos básicos do humor, também tem na charge a denúncia, que estabelece uma crítica aos comportamentos não admitidos pelas normas sociais

explícitas, mas são praticados a partir de um outro código que se mantém pela dissimulação e pela hipocrisia (TRAVAGLIA, 1989).

Nesse contexto em que a charge foi produzida, podemos entender que a crítica e a denúncia que ela realiza, através da linguagem humorística, estão associadas ao modo como o vice-presidente, Michel Temer, chega ao poder, promovendo um questionamento, uma provocação com relação ao processo de *impeachment*.

6.4 A decisão do Senado pela abertura do processo e afastamento temporário da presidenta Dilma do cargo

Após ser votado na Câmara dos Deputados, o processo de *impeachment* foi recebido pelo o presidente do Senado, Renan Calheiros. No Senado, uma comissão especial foi formada para analisar a admissibilidade da denúncia recebida da Câmara. Para essa comissão, foi eleito o senador Raimundo Lira (PMDB-PB), como presidente da comissão especial, e Antonio Anastasia (PSDB-MG), como relator. Em 6 de maio, a comissão aprovou o relatório de Antonio Anastasia favorável à abertura do processo de impeachment, por 15 votos a favor e 5 contra. Em 12 de maio, o Senado decidiu pela abertura do processo e afastou, temporariamente, Dilma Rousseff do cargo⁴⁸. Então, no mês de maio, temos o momento em que o vice-presidente, Michel Temer, assumiu a Presidência oficialmente.

Assim, a primeira charge publicada, neste mês, do cartunista Jean Galvão⁴⁹, dialoga com esse acontecimento, como analisaremos a seguir:

⁴⁸ Informações disponíveis no próprio site do Senado Federal.

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

⁴⁹ **Jean Carlos Galvão**, cartunista há 26 anos, iniciou sua carreira fazendo cartuns para sindicatos e charges diárias em jornais no interior de São Paulo. Já foi premiado no Salão Internacional de Piracicaba, além de conquistar três prêmios Vladimir Herzog de Direitos Humanos. Tem trabalhos publicados nos periódicos Veja, Superinteressante, Gloss, Nova Escola, Runners, National Geographic Kids (EUA), Focus Júnior (Itália) e Editora Abril (Brasil), Folha de S.Paulo, UM BRASIL, entre vários outros. Disponível: < <http://umbrasil.com/cartunistas/jean-galvao/>>. Acesso em: 12 de ago. 2019.

Charge 7 - Folha de S. Paulo, 01 de maio de 2016



Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

Nessa charge, temos a representação da linha de sucessão presidencial do Brasil. Sobre uma fina linha vermelha, que, possivelmente, faz referência à linha sucessória, estão Michel Temer e Eduardo Cunha. É possível perceber que a presidenta Dilma já está fora dessa linha, na verdade, ela quase não aparece na charge, a imagem da Dilma está cortada.

Assim, a charge nos apresenta a Dilma sendo excluída da disputa política. Michel Temer, como vice-presidente, é o primeiro da linha para assumir a Presidência e o presidente da Câmara, que era o segundo da linha de sucessão do Planalto, passará a ser o primeiro, ou seja, Cunha se tornaria uma espécie de vice de Michel Temer. De forma irônica, a charge ainda nos mostra que Cunha está no comando dessa linha, ou melhor, está no controle dessa cena política. Nesse sentido, como afirma Minois (2003, p.570), o ironista “obriga a imoralidade a sair do esconderijo, imitando seus defeitos, provocando-os, parodiando sua hipocrisia, de forma que ninguém mais possa acreditar nela”. Desse modo, ao fazer tal apontamento, a charge nos inquieta ao estabelecer questionamentos e reflexões no que se refere ao processo de *impeachment*.

Nessa perspectiva, os elementos visuais da charge nos mostram que mesmo antes do processo de *impeachment* ser finalizado, a figura da Dilma já se encontra fora da disputa política, a sua imagem cortada estabelece, dessa forma, um sentido de apagamento da presidenta no comando do país. A linguagem humorística presente na charge nos possibilita pensar que essa linha sucessória é uma linha tênue, instável, faz parte de uma disputa pelo poder. O humor, então, como afirma

Teixeira (2005), revela, desarruma a sensatez dos costumes, tornado frágil do que se supõe seguro e visível o que se deseja permanecer oculto.

Sendo o primeiro da linha sucessora, o vice-presidente, Michel Temer, assumiu interinamente o cargo de Presidente da República em 12 de maio de 2016, após a aceitação do processo de *impeachment* pelo Senado Federal e, conseqüentemente, o afastamento provisório da presidenta Dilma Rousseff por 112 dias até o desfecho final. A charge do Angeli, que será analisada a seguir, apresenta, então, a figura do presidente interino.

Charge 8 - Folha de S. Paulo, 25 de maio de 2016



Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

A charge apresenta a figura de Temer com a faixa presidencial, junto a imagem de Temer é apresentada uma horda de morcegos. A presença dos morcegos na charge, possivelmente, está associada às comparações que eram feitas entre Temer e personagens vampírescas, a exemplo, o conde Drácula. Essas associações foram ressaltadas ainda mais no mês da produção desta charge, porque a data de posse de Temer foi anterior a uma sexta-feira 13, isso possibilitou a produção de vários memes e várias montagens associando à figura de Temer a um vampiro.

Sendo construída somente com elementos não verbais, charge de Angeli traz, novamente, uma imagem grotesca do cenário político do *impeachment*, relacionando-se, assim, com o riso grotesco. De acordo com Minois (2003, p.94), esse tipo de “riso grotesco surge de uma reação de medo diante da realidade que por momentos se deforma, perde sua estrutura racional, tranquilizadora, tornando-se

monstruosa”. Desse modo, podemos entender que a charge ao apresentar a figura de Temer deformada em um cenário sombrio, grotesco, anuncia uma visão negativa em relação às mudanças que estão ocorrendo e ao cenário político apresentado.

Cabe lembrar que ao assumir a Presidência da República, Temer põe o fim na era petista no poder. Foram 14 anos com o PT no comando da Presidência do país, de 2002 a 2016, agora se inicia uma nova era no governo do país. No entanto, a charge nos mostra uma perspectiva tenebrosa do que está por vir. Nesse sentido, segundo Minois (2003, p. 94) afirma que

O grotesco, surge, em geral, de agitações políticas e sociais que invertem a ordem “natural” das coisas e que nos leva a ter um olhar novo sobre o mundo: este se desestrutura, decompõe-se; seus elementos fundem-se uns nos outros, recompõem-se de forma monstruosa e ridícula. Diante desse mundo instável, incerto, desconcertante, o espírito hesita e, se decide pelo o riso, é um riso seco, quase sem alegria.

Dessa forma, ao se relacionar com o universo do grotesco, a charge revela um olhar pessimista sobre esse contexto de mudanças. Assim, a instabilidade, a incerteza, a desestrutura causada pelo o *impeachment* faz com que o riso, presente na charge, seja um riso sem alegria, seco. Ou como fala Bakhtin (2010), corresponde a um riso reduzido, abafado presente no romantismo, isto é, quando o riso deixar de ser alegre, positivo e passar ser um riso reduzido, sarcástico, irônico, abafado.

6.5 A votação do processo no Senado e o seu desfecho final

As charges desta seção foram produzidas no mês de agosto e dialogam com o momento final do processo de *impeachment*. Após o julgamento, o Senado concluiu o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff em 31 de agosto, a presidenta teve seu mandato cassado, mas manteve os seus direitos políticos. Foram 61 votos favoráveis e 20 contrários no julgamento⁵⁰.

A charge seguinte, produzida pela cartunista Laerte⁵¹, estabelecerá ressignificações de sentido para esse acontecimento.

⁵⁰ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>. Acesso em: 12 ago. 2019

⁵¹ **Laerte Coutinho**, nasceu em 1951 em São Paulo, é um importante cartunista e chargista brasileira. Tem importantes participações, como profissional do cartoon, nas principais empresas de comunicação brasileiras, como: Pasquim, Isto é, Veja, Estadão e Folha de S. Paulo. Desde 2010, Laerte identifica-se como transgênero. Acesso em: 12 de ago. 2019.

Charge 9 - Folha de S. Paulo, 09 de agosto de 2016

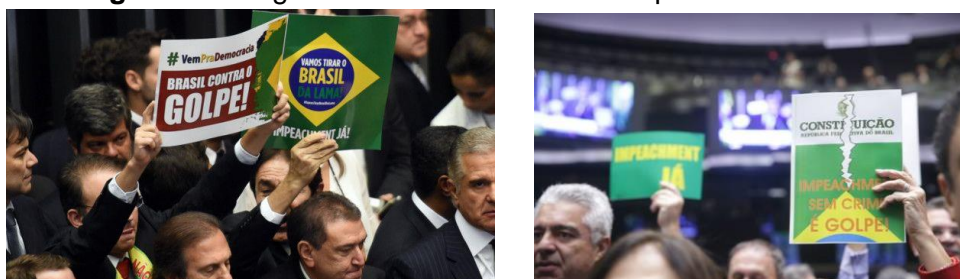


Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

A charge traz a imagem de um rolo compressor sendo guiado, possivelmente, por um grupo homens políticos. A imagem também nos apresenta a ideia de que esse rolo compressor está atropelando, esmagando algumas pessoas. Ainda associado a esses elementos visuais, temos na linguagem verbal o enunciado: “*Golpe em marcha*”.

Cabe lembra que no contexto em que ocorreu o *impeachment*, como discorrido anteriormente, a discussão de que o processo de *impeachment* era um golpe de Estado se fazia presente nos discursos daqueles que se colocavam contra o processo. Nas votações que ocorreram na Câmara dos Deputados e no Senado, por exemplo, os folhetos com dizeres: “Brasil contra o golpe”, “Impeachment sem crime é Golpe” “Não ao golpe”, eram utilizados pelo grupo que se posicionava contra o *impeachment*, como podemos observar nas imagens a seguir.

Figura 5 - Imagens com dizeres contra o impeachment



Fonte: Nexo Jornal⁵²

⁵² Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/08/29/A-discuss%C3%A3o-que-ainda-n%C3%A3o-terminou-%C3%A9-golpe-ou-n%C3%A3o-%C3%A9-golpe>>. Acesso em: 17 de ago. 2019.

Desse modo, a charge é construída estabelecendo diálogo com esses discursos, com esses dizeres. Na linguagem verbal essa relação aparece de forma mais explícita com o enunciado “*Golpe em marcha*”, remetendo à ideia de que o golpe está em progresso, em andamento. E junto a esse enunciado, temos, na linguagem não verbal, o rolo compressor em movimento, que parece estar esmagando aqueles que estão em seu caminho.

É possível perceber que no comando do rolo compressor estão homens pequenos que não enxergam nada do que está a sua frente, não podem ver a direção que estão tomando, enquanto os que estão em posição privilegiada e, conseqüentemente, podem ver o estrago, parece assistir omissos a máquina esmagadora destruir tudo que está pela frente.

A charge, desse modo, ao trazer a ideia de “*Golpe em marcha*”, desvela uma possível articulação de um grupo organizado em prol de promover o *impeachment*. Vale lembrar que a alusão ao processo de *impeachment* como um acordo, como golpe ficaram mais fortes com o vazamento de áudios do senador Romero Jucá (PMDB-RR) ocorrido em 23 de maio de 2016. Nos áudios em conversa com o ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado, ao falar do *impeachment*, Jucá diz que devia ser um grande acordo nacional com o supremo, com tudo⁵³.

Desse modo, ao estabelecer diálogo com esses discursos e acontecimentos, a charge nos leva a pensar sobre o jogo de máscaras que estão atrelados ao discurso político, como afirma Charaudeau (2006, p.8):

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciatador nem sempre é soberano.

Desse modo, o humor presente nas charges nos possibilita refletir não apenas sobre o cenário político em que desenvolveu o *impeachment*, como também nos faz perceber o jogo de máscaras que envolve os discursos e os embates políticos. Dessa maneira, o humor, como ressalta Teixeira (2005, p.35), “dilui a fronteira entre o verdadeiro e o falso, provoca a fissura no ser que ri, e ameaça à

⁵³ Em 23 de maio de 2016, foram divulgados áudios em que o ministro do Planejamento, senador licenciado Romero Jucá (PMDB-RR) fala em pacto para deter avanço da Lava Jato. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774018-em-dialogos-gravados-juca-fala-em-pacto-para-deter-avanco-da-lava-jato.shtml>>. Acesso em: 15 de ago. 2019.

segurança que preside suas mal-temperadas certezas cotidianas”. Assim, o humor provoca instabilidade nas relações sociais, permitindo estabelecer e formular sentidos sobre essas relações.

Para concluir a análise, apresentaremos a seguir uma charge também da Laerte. Essa charge foi produzida oito meses após a aceitação do processo do *impeachment* na Câmara dos Deputados. Nesse período, o processo estava sendo julgado pelo o Senado e se encaminhando para o desfecho final.

Charge 10 - Folha de S. Paulo, 21 de agosto de 2016



Fonte: Seção opinião, Jornal *Folha de S. Paulo*

Na charge acima, da cartunista e chargista Laerte, temos uma possível referência a sessão ocorrida no Senado⁵⁴, nos dias 9 e 10 de agosto de 2016, na qual o senadores discursaram e votaram na aprovação do parecer da Comissão de *Impeachment*, por 59 votos a 21, decidindo, assim, que Dilma iria a julgamento por crime de responsabilidade contra a lei orçamentária.

No primeiro quadrinho da charge, temos a representação do político sério, distinto, que no quadrinho clama por seriedade, mas, em seguida, no segundo quadro, temos uma referência a um brinquedo, o boneco de mola, que assusta, pega de surpresa por está escondido, revelando-se de maneira inesperada, provocando, assim, uma ruptura da linearidade na narrativa, causando uma quebra

⁵⁴ Na sessão iniciada na manhã de 9 de agosto e encerrada na madrugada do dia 10, o Plenário decidiu, por 59 votos a 21, que a presidente afastada iria a julgamento. Dilma foi acusada de crime de responsabilidade contra a lei orçamentária e contra a guarda e o legal emprego de recursos públicos, na forma de três decretos de crédito suplementar e operações com bancos públicos. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 06 de mai. 2019

de expectativa. Assim, percebemos que na charge há o processo de disjunção definido por Van der Linder (2001) no qual “textos e imagens entram em contradição” (p.121). Essa contradição é estabelecida, na verdade, pela junção de aspectos que consideramos pertencentes a universos diferentes, o espaço da seriedade que se deve haver naquele momento da votação com o universo do brincar, do riso. Nesse sentido, Bergson (2001) ao falar da produção do cômico através da repetição de palavras, faz alusão ao boneco de mola, a caixa de surpresas. Bergson (2001) afirma:

Todos nós já brincamos com o boneco que sai da sua caixa. Comprimos o boneco, e ele salta de novo. Quanto mais o apertamos, mais alto ele pula. Esmagamo-lo sob a tampa, e ele faz tudo saltar. [...] . É o conflito de duas obstinações, uma das quais, puramente mecânica, no entanto acaba sempre por ceder à outra, que se diverte com ela. [...] Imaginemos agora uma espécie de mola moral: certa idéia que se exprima, se reprima, uma vez mais se exprima, certo fluxo de falas que se arremesse, que se detenha e recomece sempre. Teremos de novo a visão de uma força que se obstina e de outra resistência que a combate (p.51,52).

Assim, podemos compreender que charge busca evidenciar, nesse cenário, do *impeachment* o confronto entre o dizer e as ações dos políticos, pois ao mesmo tempo que o político se esforça para mostrar uma imagem de seriedade, de honestidade, a charge, no quadrinho seguinte, rompe com essa imagem, ridicularizando o político, colocando-o em uma situação que provoca o riso, mostrando, de certa forma, a mecanização dos discursos e votos que foram favoráveis ao impeachment.

A charge representa o político como próprio boneco de mola, expondo esses sentimentos ambíguos, que, em um primeiro momento, ele está com um discurso ligado à imagem que ele construiu de si mesmo e, também, do que se espera dele, e, no segundo momento, mostra-se uma outra face desse político, expondo a sua falta de seriedade com relação ao processo. Assim, o que está fora, o apresentável para o público é a imagem que ele, enquanto político, quer transmitir, porém o que está dentro, as contradições, às vezes, vêm à tona, não nas palavras, mas nas próprias ações efetivas dos políticos. E é nessa contradição, nesse processo de ironia que o humor se constrói na charge e produz outros sentidos e outras visões de mundo, como afirma Matias (2017):

Sabemos que a ironia é um jogo em que uma expressão, uma imagem ou um gesto duplicam seu sentido, e o explícito leva a um implícito. Há sempre um não dito que se esconde por traz do dito e só será revelado se associarmos o texto a um contexto e o enunciado a um referente (p.249).

A imagem do político é algo muito importante para o papel que assume na sociedade, como representante do povo, mas o humor, construído através da ironia, desconstrói a imagem de seriedade do ator político e ao fazer isso impõe seu olhar crítico sobre a realidade e produz novos significados para essa realidade. Assim, como afirma Minois (2003), o riso provocado pelo o ironista parece ser sempre calculado, intelectualizado e refletido. De acordo com as palavras de Landowski (1995),

O ridículo não mata o adversário, mas faz vacilar as melhores reputações, isto é, ele é capaz de reconfigurar às avessas a imagem do político que depende de um certo nível de popularidade. Ele destrói ou desfaz os simulacros, desfigura às avessas as imagens de marca, das quais dependem hoje os níveis de popularidade (p. 66 *apud* SILVA 2016, p. 153).

Sendo assim, o humor ridiculariza e desconstrói a imagem do homem sério e honesto que o político tanto trabalha para passar ao público, desvelando novos sentidos no que diz respeito à atuação dos políticos. Desse modo, como afirma Teixeira (2005, p.84), “A natureza interna da linguagem do humor é, por si mesma, mordaz, debochada, sarcástica”.

Nesse percurso de análise, além de analisarmos os elementos humorísticos, as estratégias linguístico-discursivas que possibilitaram a construção do humor nas charges analisadas, percebemos o humor produzindo discursos e estabelecendo sentidos sobre os acontecimentos sociais. Desse modo, a linguagem humorística presente nas charges, ao retratar o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, possibilitou a construções de discursos e produção de sentidos sobre o cenário que se desenvolveu o *impeachment*, apresentou também uma leitura da figura de Dilma, presidenta impeachmentmada. No decorrer de todo o processo de *impeachment*, Dilma é apresentada nas charges sempre em uma situação desfavorável. Nas charges analisadas, é possível perceber a figura de Dilma sendo deformada, ingênua, enganada, em conflito, sendo cuspidada e, por fim, sendo excluída da disputa política. Desse modo, as charges apresentam, durante esse processo de *impeachment*, a imagem da presidenta Dilma sempre em situações de perda, de desvantagem, sendo, pouco a pouco, apagada do jogo político.

Ao finalizar essas análises, cabe ressaltar que por ser um estudo que busca uma compreensão, uma inteligibilidade sobre a linguagem enquanto prática social,

histórica e ideológica, as possibilidades de leituras e interpretações sobre a produção de sentidos do humor nas charges analisadas não correspondem a compreensões fechadas e acabadas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem perpassa todo o estudo desta pesquisa sendo pensada e trabalhada dentro do seu caráter social e histórico, como resultado das relações sociais, do meio social, levando em consideração também seu aspecto ideológico, dialógico e polifônico. Dessa forma, quando nos propomos refletir sobre a maneira como o humor, enquanto um fenômeno linguístico-discursivo, manifesta e produz sentidos em sua reflexão e (re) significação de mundo, ou mais especificamente, como o humor, através do gênero charge, produziu sentido, significou e ressignificou o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, a concepção dialógica da linguagem foi a base para todo o processo de análise, compreendendo, como ressalta Volóchinov (2017), que “a língua vive e se forma historicamente justo aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (p. 220, grifo do autor).

No que se refere às questões de pesquisa, procuramos entender quais discursos foram produzidos nas charges publicadas pelo o *Jornal Folha de S. Paulo* referente ao processo de *impeachment* da presidenta Dilma, buscando analisar os recursos linguístico-discursivos e imagéticos utilizados para construção do humor nas charges e os novos sentidos e significações que a linguagem humorística produziu sobre o *impeachment*.

No que diz respeito aos discursos, concordamos com Santos (2012), quando define o humor como uma forma de narrativa determinada por condições sociais, culturais e históricas, pois ao realizar as análises das charges que retrataram o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, constatamos que a charge, através do humor, traçou uma narrativa sobre o *impeachment*. A linguagem humorística, de maneira sagaz, nos possibilitou uma reflexão crítica sobre as nuances que envolveram o cenário do *impeachment* da presidenta. As charges analisadas expõem os embates políticos, os interesses individuais e coletivos que moveram o processo de *impeachment*.

Os discursos produzidos pelas charges estão atrelados a uma leitura sobre o processo de *impeachment* marcado por situações de corrupção, traição e embates políticos. A leitura do *impeachment* da presidenta Dilma como um golpe também é registrada discursivamente nas charges analisadas, seja de forma explícita ou implícita. Esse ponto dialoga com Travaglia (1990) e Santos (2012) que compreende

que o humor não se resume apenas ao papel do entretenimento, do riso pelo riso, mas ele desestabiliza as ideias estabelecidas socialmente, ou seja, enquanto busca provocar o riso, o humor aponta para os defeitos, flagra outras possibilidades de visão de mundo.

Em referência aos recursos utilizados para a construção do humor, percebemos que a linguagem humorística presente nas charges, através da caricatura, da ironia, das relações intertextuais, do grotesco, rompe com a imagem do político, ou seja, utilizando-se desses recursos, o humor ridiculariza os políticos e suas ações, expõem seus defeitos, denuncia a hipocrisia que há nos embates políticos e na disputa pelo poder.

Com relação à produção de sentidos e às ressignificações, as análises das charges que retrataram o *impeachment* da presidenta Dilma possibilitaram entender que o humor é um fenômeno discursivo que busca estabelecer a transgressão, o deslocamento, expondo as contradições das práticas sociais e, ao mesmo tempo, acentuando seu olhar crítico sobre os acontecimentos.

Nesse caminho de análise e reflexão, as discussões apresentadas no decorrer deste estudo nos possibilitam compreender que o humor é produzido historicamente e que cada momento, cada povo, cada sociedade possui sua linguagem humorística (BERGSON, 2001; TRAVAGLIA, 1990). Nesse sentido, podemos entender que os fenômenos discursivos relacionados ao humor estão, inevitavelmente, atrelados a um contexto social e histórico, o que está sendo produzido nesse campo do humor reflete sobre a história e a particularidade de uma determinada sociedade, auxiliando no desvendamento de momentos ou especificidade de uma determinada cultura e sociedade (BRAIT, 2008).

Desse modo, o humor, através das charges, além de produzir efeitos de sentidos em sua reflexão e significação de mundo, possibilitando o desvelamento e a ressignificação dos acontecimentos, das práticas sociais e dos discursos que envolveram o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, ele também possibilita que esses acontecimentos permaneçam vivos enquanto memória histórica.

Dessa maneira, nossa pesquisa, dentro do campo da LA, busca contribuir para a compreensão do caráter histórico, social e crítico presente na linguagem humorística, analisando sua forma singular de construir sentidos, produzir discursos

e ressignificar os acontecimentos políticos e sociais por meio do gênero charge. Também, este estudo, corrobora com a perspectiva de uma LA crítica e interdisciplinar, pois mostra a necessidade de um diálogo com outras disciplinas (filosofia, história, análise do discurso) para a compreensão das questões de uso da linguagem, estabelecendo, assim, uma atuação híbrida no estudo da linguagem enquanto prática social, um dos pontos importantes para que a LA seja responsiva à vida social (MOITA LOPES, 2006). Além disso, ao trazer discussões sobre o uso da linguagem, das práticas discursivas no mundo contemporâneo, nosso trabalho se aproxima do social, do político e da história.

REFERÊNCIAS

ALAVARCE, Camila da Silva. **A ironia e suas refrações**: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ARISTÓTELES. **Partes dos animais**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Da Moeda, 2010. Disponível em: <<http://www.obrasdearistoteles.net/files/volumes/0000000029.pdf>. Acesso em 20 mar. 2017>.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril S/A Cultural Industrial, 1973.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2011, p. 261-306.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BATISTEL, S. S.; ALVES, G. B. **Charges de Angeli, um estudo em análise crítica do discurso**. Travessias. v.4, 2010.

BERGSON, Henri. **O riso: Ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAIT, Beth. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: Outros Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, p. 9-31, 2006.

BRAIT, Beth. **Percursos e percalços do estudo da ironia**. In: _____. Ironia em perspectiva polifônica. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CAVALCANTI, C. R. S; SILVA, S. D. **O discurso político na charge: entre a repetição e as (re)significações**. VI seminário de estudos em análise do discurso 1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/PAINEIS/ODiscursoPoliticoNaCharge.pdf>. Acesso em 10 dez. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2017.

COSTA, Flávia Borges da. **Gênero charge e ensino: humor e criticidade**, 2013. Disponível em: <http://www.cdn.ueg.br/arquivos/jussara/conteudoN/1208/monografia-flavia_borges.pdf>. Acesso em 30 mar. 2017. DELTA., V. 6, N. 1, P. 55-52, 1990.

DOLABELLA, Ana Rosa Vidigal. **Leitura de imagens no jornal – humor gráfico, mídia e educação**. Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 8, n. 17, p. 265-275, set./dez. 2007.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: rediscussões em curso. IN: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FERNANDES, C. M. *et al.* **Humor e espetáculo político: uma análise dos memes do impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) na mídia on-line**. ALCEU - v. 17 - n.33 - p. 202 a 218 - jul./dez. 2016.

FERREIRA, João Pedro Rosa. **Humor, língua e linguagem: representações culturais** [org.] Ferreira, João Pedro Rosa; Vieira, Thaís Leão. São Paulo: Edições Verona, 2017.

FERREIRA, M. C. L. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. IN: ORLANDI, E. P. (org.). **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: 2003.

FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2018.

FIORIN, J.L. **Linguagem e ideologia**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

FREITAS, Maria Teresa. **Ciências humanas e pesquisa: uma leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

humor brasileiro na televisão. Estudos Lingüísticos e Literários, Maceió, v. 5 e 6, p. 42-79, 1989.

JAKUBINSKIJ, Lev. **Sobre a fala dialogal**. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

JINKINGS, Ivana. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. IN: SINGER, A. [et. Al]. **O golpe que tem vergonha de ser chamado de golpe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendado os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2010.

LINDER, Shofie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LÖWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. IN: SINGER, A. [et. Al]. **Por que gritamos golpe? para entender o impeachment e a crise política do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análises de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATIAS, Avanúzia F. **A intertextualidade e a ironia no gênero charge**. PERcursos Linguísticos, 2017. PERcursos Linguísticos Vitória (ES) V. 7 N. 15 Dossiê: linguagem humorística, 2017. ISSN: 2236-2592.

MIANI, R. A. **Charge: uma prática discursiva e ideológica**. 9ª Arte | São Paulo, vol. 1, n. 1, 37-48, 1º. semestre/2012.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, p. 167-176, 2014.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematizações dos construtos que têm orientado a pesquisa. IN: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Revista Travessia: pesquisa em educação, cultura, linguagem e arte. v. 2, n. 3, 2008.

OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle de. **A ironia como produção de humor e crítica social: uma análise pragmática das tiras de Mafalda**. 130 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortes, 1988.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e texto: formulações e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004.

QUEIROZ, Jozefh Fernando Soares. **Categorias de humor na série Mafalda, de Quino**. In: Anais do VIII Congresso Brasileiro de Hispanistas. Ensino de línguas e Estudos de linguagem. Rio de Janeiro: ABH, 2016.

RAMOS, PAULO. **Tiras, gênero e hipergênero: como os três conceitos se processam nas histórias em quadrinhos?** Estudos Linguísticos, São Paulo, 38 (3): 355-367, set.-dez. 2009.

RAMOS, PAULO. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2012.

RESENDE, V. M; RAMALAHO, V. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2016.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia um estudo de charges da folha de S. Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

ROSSETTI, Regina. O riso e a crônica jornalística. IN: SANTOS, R.E; ROSETTI, R. (orgs.). **Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 62-74.

SALIBA, Elias Thomé. **As particularidades da linguagem humorística brasileira**, 2015. Disponível em: < <http://www5.usp.br/99409/as-particularidades-da-linguagem-humoristica-brasileira/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SALIBA, Elias T. **Raízes do Riso: A representação humorística na história brasileira: da belle époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SANTOS, Roberto Elísio. Reflexões teóricas sobre o humor e o riso na arte e nas mídias massivas. IN: SANTOS, R.E.; ROSETTI, R. (orgs.). **Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 17-59.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. Redes de sentidos e raciocínios antagonistas: a internet na interface do discurso. IN: GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S.; SHONS, C. R. (orgs). **Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço**. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011. p. 19 – 45.

SILVA, Poliana Pimentel. **O humor como elemento educacional para produções situadas de sentindo em LI: uma proposta de estudo em uma escola pública no litoral de Alagoas**. Revista Intercâmbio, v. XXXII: 119-140, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X.

SOARES, Doris de Almeida. **Introdução à lingüística aplicada e sua utilidade para as pesquisas em sala de aula de língua estrangeira**. 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/revista/40suple/introdao_a_linguistica%20.pdf/. Acesso em: 10 maio 2014.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco. Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1973.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. **As constituições de ethos e os discursos envolventes no ensino de língua portuguesa em contexto de pesquisa-ação**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. **Pensamento bakhtiniano nos estudos da linguagem: a ação do pesquisador como ato responsável**. Polifonia, Cuiabá, MT, v. 20, n. 27, p. 31-53, jan./jun., 2013.

TEIXEIRA, L.G.S. **Sentidos do humor trapações da razão: a charge**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

TEIXEIRA, Maria Cláudia. **O gênero jornalístico charge no letramento escolar**. Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro. v. 12. n. 19. p. 89-107, 2010.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística.**

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. Estudos Lingüísticos e Literários, Maceió, v. 5 e 6, p. 42-79, 1989.**

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2017.